



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS-CSHNB
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ANTÔNIA AGNA ALVES DE ANDRADE

SABERES (RE) INVENTADOS:
um estudo sobre avaliação da aprendizagem

PICOS-PI

2014

ANTÔNIA AGNA ALVES DE ANDRADE

SABERES (RE) INVENTADOS:
um estudo sobre avaliação da aprendizagem

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Piauí UFPI, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Ma. Marta Rochelly R. Gondinho.

PICOS-PI

2014

Eu, **Antônia Agna Alves de Andrade**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI 10 de março de 2014.

Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

A553s Andrade, Antônia Agna Alves de.
Saberes (re)inventados: um estudo sobre avaliação da aprendizagem / Antônia Agna Alves de Andrade. – 2013.
CD-ROM ; 4 ¾ pol. (66 p.)
Monografia(Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.
Orientador(A): Profa. MSc. Marta Rochelly Ribeiro Gondinho
1. Ensino. 2. Aprendizagem. 3. Práticas Escolares I. Título.

CDD 371.26

ANTÔNIA AGNA ALVES DE ANDRADE

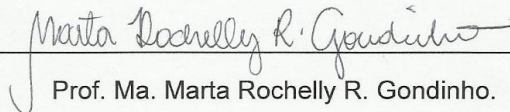
SABERES (RE) INVENTADOS:

um estudo sobre avaliação da aprendizagem.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Piauí UFPI, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Ma.. Marta Rochelly R. Gondinho.

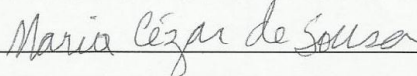
Aprovada em 18 / 1 fevereiro / 2014



Prof. Ma. Marta Rochelly R. Gondinho.

Orientador (a)

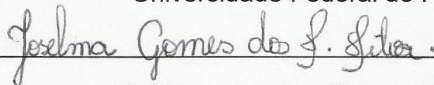
Universidade Federal do Piauí-UFPI



Prof. Ma.. Maria César de Sousa

Examinador (a)

Universidade Federal do Piauí-UFPI



Prof.Esp. Joselma Gomes Santos Silva

Examinador (a)

Universidade Federal do Piauí-UFPI

*Dedico este trabalho a todos que lutam por
uma educação transformadora.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer que nós jamais conseguimos algo sozinho.

Inúmeras são as pessoas que contribuíram para que eu chegasse até aqui. Por isso, quero começar a dizer muito obrigada. Senhor Deus, força maior, que nunca me abandonou, e mesmo quando quase desisti, você me levantou, dando-me ânimo.

À minha família pelo imenso amor dedicado. Aos amigos que me deram força e, em especial, Marta Rochelly, pela dedicação e paciência, por sua imensa referência de intelectualidade.

A todos os mestres desta instituição por compartilhar os seus conhecimentos.

Por todo saber ganho: minha sincera gratidão. Obrigada meu Deus.

A magia da avaliação está em vê-la como um momento marcante, onde oportunidades são dadas, conceitos confrontados e saberes (re) inventados, numa relação dialética de ensinar e aprender.

Agna Andrade.

RESUMO

A avaliação escolar é uma das ferramentas primordiais no processo educativo que merece maior atenção, por proporcionar tanto ao professor como ao aluno avanços na sua aprendizagem, devendo ser enriquecida por uma observação atenta e constante. Por isso, este trabalho tem como objetivo analisar as contribuições da avaliação escolar no processo ensino-aprendizagem, especificamente identificando de que forma ela é concebida e realizada na sala de aula. O procedimento metodológico adotado foi uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa. Como instrumental de coleta de dados utilizou-se uma entrevista narrativa e questionários, e que teve como sujeito de pesquisa quatro alunos da terceira série de Ensino Fundamental I e uma professora regente da turma, da Escola Municipal Celso Eulálio, Picos-PI. Diversos teóricos foram utilizados para subsidiar o estudo, mas alguns tiveram uma maior relevância, tais como: Hoffman (2011), Luckesi (1998), Cordeiro (2010), Both (2011), dentre outros. As análises permitiram identificar que os discentes e docentes ainda têm uma concepção tradicionalista de avaliação, e que a sua preocupação maior é com registro formal, a nota para efeito de aprovação ou reprovação. Compreende-se então que a avaliação da aprendizagem deve contribuir na formação de cada ser participante do processo educativo, visando sempre a qualidade do ensino e da aprendizagem. Assim, as considerações apresentadas apontam para a necessidade de repensarmos a avaliação da aprendizagem.

Palavras-chaves: Avaliação. Ensino-aprendizagem. Práticas Escolares.

ABSTRACT

The school evaluation is therefore a primary tool in the educational process deserves more attention , because it favors both the teacher and the student advances in their learning , should be enriched by close and constant observation. This work aims to analyze the contributions of school evaluation in the teaching-learning process , specifically identifying how it is conceived , received in the classroom . As a methodological approach was chosen to carry out a qualitative field research approach plus an informal interview and questionnaires , which had the target subject were four third grade students of elementary school classroom teacher and conductor of the Escola Municipal Celso Eulálio , Picos -PI . Theoretical support , we used the following references : HOFFMAN (2011) , LUCKESI (1998) , CORDEIRO (2010) BOTH (2011) among others . The analysis allowed to realize that students and teachers still have a traditionalist concept of evaluation , and that his main concern is with formal registration , the note of affection for approval or disapproval . Then it is understood that the assessment of learning should contribute to the education of each participant to be the educational process, always seeking the quality of teaching and learning . Thus the considerations presented point to the need to rethink the assessment of learning .

Keywords : Assessment . Education . School Practices .

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 01 - Buscou-se saber como os sujeitos observam o dia de prova	46
Quadro 02 - Como se sentem no dia da prova.....	47
Quadro 03 - Qual sua rotina nos dias de provas	48
Quadro 04 - Como se sentem quando recebem as notas das provas	49
Quadro 05 - Quando a atividade vale nota a considera mais importante.....	51
Quadro 06 - O que sentem quando recebem uma nota boa ou uma nota ruim	52
Quadro 07 - Você considera importante fazer provas	53
Quadro 08 - O que você acha da ideia de não haver prova na escola	54
Quadro 09 - Como gostaria de ser avaliado	56
Quadro 10 - Você já foi avaliado por outros instrumentos avaliativos	57
Quadro 11 - Como a família reage ao receberem suas notas?.....	59
Quadro 12 - Tudo o que é ensinado na sala de aula é cobrado no dia da prova	60
Quadro 13 - Como você realiza a seleção dos conteúdos a serem cobrados na prova.....	6

LISTA DE SIGLAS

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR: DA TEORIA À PRÁTICA	17
1.1 Avaliação no Brasil: um pouco de História	17
1.2 Dimensões da avaliação	18
1.2.1 Dimensão Conceitual	19
1.2.2 Dimensão Social	21
1.2.3 Dimensão Psicológica.....	21
1.2.4 Dimensão Educacional	22
1.3 A avaliação nos marcos legais da atualidade	23
1.4 A avaliação de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96	24
1.5 A avaliação de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's)	25
1.6 Modalidades da avaliação	26
1.6.1 Modalidade Somativa.....	26
1.6.2 Modalidade Diagnostica.....	27
1.6.3 Modalidade Formativa.....	27
1.7 A avaliação no Processo Ensino-Aprendizagem: da teoria à prática	30
1.8 A Avaliação No Contexto Escolar: Diferentes olhares sobre avaliação	33
2 CULTURA AVALIATIVA: INVETIGANDO OS SENTIDOS ATRIBUIDOS AO ATO DE AVALIAR	38
2.1 Pesquisando a avaliação escolar: Caminhos singulares	43
2.1.1 Campo da pesquisa	43
2.1.2 Sujeito da pesquisa.....	46
3 NARRATIVAS DOCENTES E DISCENTES SOBRE A AVALIAÇÃO: DESVENDANDO SENTIDOS E PRÁTICAS	47
3.1 A rotina nos dias de provas.....	47
3.2 Importância das provas nas avaliações	52
3.3 Novos instrumentos e novas ações	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	69

INTRODUÇÃO

A educação brasileira tem como grande desafio, dentro do contexto atual, promover a aprendizagem de todos os educandos e lhes assegurar uma trajetória de sucesso.

Nessa perspectiva, foi desenvolvida esta pesquisa com base no conceito de avaliação como um processo sistemático, dinâmico, construtivo e contínuo e não apenas como controle do ensino-aprendizagem por meio de resultados, visto que a mesma é de fundamental importância contribuindo em todos os momentos para o desenvolvimento do aluno e para o aperfeiçoamento da prática do professor.

A partir disso, foi escolhida a problemática norteadora da pesquisa: como é desenvolvido o processo avaliativo de ensino aprendizagem na turma de 3º série do ensino fundamental I na Escola Municipal Celso Eulálio, localizado no centro da cidade de Picos-PI?

Este trabalho teve como objetivo geral analisar como se constitui o processo avaliativo da relação ensino-aprendizagem desenvolvido na escola-alvo da pesquisa. Como específicos: conhecer os tipos de avaliação mais utilizados na sala de aula na escola-alvo; identificar fatores que contribuem para a incidência de falhas na avaliação escolar; descrever os critérios estabelecidos pelo professor para escolha dos procedimentos avaliativos; analisar a contribuição da avaliação escolar no processo ensino-aprendizagem. Também nos propomos a investigar a importância da avaliação em relação ao desenvolvimento da aprendizagem e do ensino.

Diante dos objetivos e do problema apresentado, fora pensado, enquanto proposta metodológica, a realização de uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, com estudo de caso. Escolheu-se este tipo de pesquisa uma vez que a mesma possibilita a pesquisadora o contato direto com o ambiente a ser investigado. Neste tipo de estudo podemos analisar situações e comportamentos visto tanto pela ótica individual e também coletiva. Nela se detalha conceitos relevantes e significativos para se realizar novas concepções e novos conceitos.

O presente estudo pautou-se numa revisão bibliográfica embasada em pesquisadores como Hoffman (2011), Cordeiro (2010), Both (2011), Luckesi (1998) dentre outros. Neste trajeto de estudo bibliográfico dialogou-se com as categorias de estudo da avaliação provocando uma discussão entre o campo de estudo legitimado

e as práticas cotidianas de professores tecidas em torno do ato de avaliar a aprendizagem.

Os sujeitos da investigação foram quatro alunos da 3^o série do ensino fundamental I e a professora regente da turma da Escola Municipal Celso Eulálio, Picos-PI. Como instrumento de construção dos dados, utilizou-se o questionário semiestruturado, acrescido de entrevista narrativa.

De acordo com a análise e interpretação dos dados construídos, observa-se que no cotidiano escolar as formas de avaliação que atualmente, são frequentemente empregadas na sala de aula são as prova escritas, usadas como meio do aluno avançar de uma série para outra.

Quanto ao ato avaliativo, este está associado à realização provas, atribuição notas, aprovação ou reprovação, resultando assim em apenas mera transmissão de conhecimento e memorização de informações prontas tornando o educando um ser passivo reprodutor de informações pré-estabelecidas.

A avaliação deve oportunizar o desenvolvimento integral do educando, auxiliando-o a avançar na aprendizagem e na construção do saber. É o que nos fala Perrenoud (1999, p. 167), quando diz que “a função nuclear da avaliação é ajudar o aluno a aprender e o professor a ensinar”.

Assim acreditar que a atribuição de notas ou conceitos podem isoladamente explicar o rendimento do educando, impossibilita o educador e educando a desenvolverem suas habilidades e construção de competências.

O ato avaliativo é um momento muito marcante, ele abre novas oportunidades, não tem um fim em si mesmo, pois é um instrumento de aprendizagem constante, mas, para que ocorra uma avaliação contínua do processo ensino-aprendizagem é necessário criar instrumentos que possibilitem alunos e professores acompanharem o processo de forma eficaz.

É fundamental uma conscientização acerca da avaliação em todos os segmentos, ela deve ser repensada para que a qualidade de ensino não fique comprometida. A avaliação deve estar alicerçada na qualidade do ensino e da aprendizagem. O professor precisa estar atento tanto às evoluções quanto aos retrocessos do educando, revendo seus conceitos e a sua prática. Ao avaliar o aluno, o professor avalia sua atuação.

Portanto, a avaliação é a parte pedagógica que auxilia na reflexão sobre o processo de aprendizagem e de redimensionamento do planejado. Assim, ela é um

processo contínuo e deve se converter em atividade rotineira, incentivando o educando a tornar-se sujeito de sua própria aprendizagem.

É primordial pensar na finalidade da avaliação, ela não é apenas uma maneira de verificar conhecimentos, mas de gerar oportunidades, que com base em informações coletadas em vários momentos do processo de ensino, possibilita a realização de novas e diferentes intervenções, ajustes ou modificações dos planos.

A avaliação constitui-se como uma possibilidade de construção de significativas informações não só para o professor, mas também para os alunos que necessitam ser informados quanto a seu próprio processo de aprendizagem. Significa dizer que a avaliação não deve ser resumida a apenas um instrumento como uma prova, mas deve ser realizada em distintos momentos e a contar com variados meios que permitam um melhor aproveitamento do saber.

Aprender deve ser um prazer e não um ato obrigatório, cumprimento de obrigação. A avaliação sendo parte desse processo deve instigar nos alunos o desejo de ir além, de aprender mais, de ser mais. Ser professor não é somente repassar conteúdos, mas auxiliar o educando em seu processo de formação, para que este venha a se tornar um cidadão consciente e feliz.

Refletir de que forma estamos avaliando é uma tomada de decisão pertinente, interrogar se esta avaliação está servindo apenas para aprovar ou reprovar, punir ou controlar também faz parte desta possibilidade reflexiva tão necessária na prática pedagógica.

A avaliação deve contribuir para formar o indivíduo respeitando suas diferenças e individualidades para que assim ele seja capaz de resolver diversas questões postas pelo cotidiano de forma conscientizadora.

Este estudo parte da possibilidade de compartilhar conhecimentos sobre avaliação. Acredita-se que investigando reelaboram-se conceitos e se provoca mudanças de concepções. Exercitar a construção de um novo achar parte da premissa de que já temos construído alguns sentidos e ideias acerca de questões tão presentes no cotidiano escolar.

Este estudo foi organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado de A avaliação da aprendizagem no contexto escolar: da teoria à prática, debruçou-se sobre a discussão teórico-conceitual da avaliação; no segundo capítulo: Cultura Avaliativa: investigando os sentidos atribuídos ao ato de avaliar, apresentou-se os caminhos metodológicos da pesquisa e no terceiro capítulo: Narrativas docente e

discente sobre avaliação: desvendando sentidos e práticas discutiu-se os achados da pesquisa.

Da discussão teórica ao diálogo com os achados da pesquisa pode-se constatar que a avaliação tem um lugar legítimo no cotidiano escolar, que esta necessita ser redimensionada e que os sujeitos atribuem múltiplos sentidos e significado a este ato.

1 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR: DA TEORIA À PRÁTICA.

1.1 Avaliação no Brasil: Um pouco de História

Historicamente, a avaliação da aprendizagem escolar assumiu ao longo do tempo, diversas características. Nos respectivos séculos XVI e XVII a avaliação era realizada apenas com o objetivo de classificar e selecionar ou promover o educando de uma série para outra. E a escola cumpria apenas um papel claro, meramente seletivo. Tratava-se de escolher dentre os “melhores”, aqueles que seriam os futuros intelectuais da sociedade.

Nesse sentido, as práticas avaliativas estavam somente voltadas para a criação e manutenção de hierarquias individuais e sociais e de classificações dos indivíduos como capazes e incapazes, resultando na exclusão da massa e a seleção de um número reduzido de alunos que poderiam ter sucessos.

Foi então a partir do ensino dos Jesuítas, este centrado no universalismo do ensino em que se instituiu no Brasil uma forma peculiar de avaliação.

Segundo Both (2011, p. 39), o ensino formal começou com a chegada dos jesuítas, que “vindos do continente europeu, os quais no princípio dedicaram-se aos trabalhos da catequese e posteriormente à educação dos índios”.

Suas orientações, no tocante ao modo como se educar, permeavam o *Ratio-Studiarum*: Plano de estudos dos Jesuítas, que nas palavras de Both (2011, p. 39), eram: “além do processo ensino-aprendizagem, aspectos pedagógicos da metodologia e técnicas de ensino e avaliação bem como normas disciplinares de comportamento da postura e de convivência”.

Acrescenta ainda, conforme Aranha (2000, p.124) que os Jesuítas, “recomendava a repetição dos exercícios para facilitar a memorização”.

Os melhores alunos auxiliavam os professores a tomar lições de cor dos outros, recolhendo exercícios e tomando nota dos erros e faltas diversas, e eram chamados de decuriões. As classes inferiores repetiam lições da semana todos os sábados, daí a expressão “sabatinas”, utilizada durante muito tempo para indicar a avaliação.

O ensino Jesuítico estimulava a competição entre os indivíduos e as classes, gerando assim uma grande desigualdade social em decorrência da seleção, onde

aqueles que mais se destacavam nas atividades propostas recebiam títulos e prêmios, dando-lhes assim um brilho especial.

Antes mesmo das escolas se tornarem instituições sistematizadoras do ensino, a avaliação, contudo, já era praticada para fins da seleção social, de modo que “os Jesuítas no período em que estiveram presentes no Brasil deram importância à educação da elite” (ROMANELLI, 2005, p. 35).

Percebe-se que o ensino brasileiro, apesar da diversidade de concepções sobre a avaliação, vinha sendo fortemente dominado pelo modelo tradicional que visava classificar e selecionar os educandos de acordo somente pelo seu desempenho acumulativo.

Para Luckesi (2005, p. 18) “o nosso exercício pedagógico escolar é atravessado mais por uma pedagogia do exame que por uma pedagogia do ensino-aprendizagem”.

Nota-se que desde a sistematização do ensino imposto pelas escolas, a avaliação passa a ser padronizada, ritualizada, sendo caracterizada por uso constante de instrumentos como: provas e exames, para fins somente de seleção e busca de resultados ao fim de uma etapa. Essa prática de avaliação tradicional ainda hoje prevalece, visto que os discursos são sempre contraditórios à prática, onde continua o que deve ser em vez do que seria melhor.

1.2 Dimensões da avaliação

As falas e conceitos desvelados por muitos autores e pesquisadores sobre as várias dimensões de avaliação no processo ensino-aprendizagem, são apenas uma pequena amostra que permite compreender a multiplicidade de concepções a respeito da avaliação no processo de aprender.

E nesse processo é salutar que o professor busque uma aprendizagem significativa e satisfatória para seus alunos, buscando apoiar nessas dimensões para assim melhorar no ato de avaliar.

Esse pensamento é reforçado nas palavras de Esteban (2003) que diz:

A inexistência de um processo escolar que possa atender as necessidades e particularidades das classes populares, permitindo que as múltiplas vezes sejam explicitadas e incorporadas, é um dos

fatores que fazem com que um grande potencial humano seja desperdiçado (ESTEBAN, 2003, p. 08).

Nesse contexto, os professores, ao avaliar seus alunos, devem refletir sobre sua proposta de trabalho, usando assim questionamentos sobre os problemas sociais do aluno e de seu ambiente familiar. Dessa forma, faz-se necessário uma reflexão-ação acerca da aprendizagem e da qualidade do ensino. Que os educadores ao avaliarem seus educandos considerem essas quatro dimensões, a conceitual, social, psicológica e a educacional, visto que são igualmente importantes e complementares.

Essas dimensões não podem ser fragmentadas, seu objetivo é fazer com que as crianças e jovens desenvolvam suas capacidades físicas e intelectuais, pensamento crítico e independente, prazeres e emoções, de modo que se preparem positivamente para a vida social.

1.2.1 Dimensão Conceitual

Pensando sobre a dimensão conceitual, é possível elucidar ideias em torno da indagação: afinal o que é avaliação?

Existem inúmeras possibilidades conceituais de definição para o processo de avaliação. Conceitos estes que são plurais. Do ato de amor voltado a apreciação do sujeito aprendente ao objeto da aprendizagem a ser observado e verificado pelo professor é possível legitimar essa variedade conceitual.

Luckesi (2005, p.172) destaca que “a avaliação da aprendizagem é como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação por si, é um ato acolhedor, interativo, inclusivo”.

No entanto, a avaliação concebida como um ato amoroso requer que o professor acolha a situação/problema do aluno, como ela realmente é, ou seja, implica acolher atos, ações, necessidades e alegrias como elas realmente são, e somente a partir daí transformar sua realidade e ajuda-lo a supera-la. Conhecendo-lhe, é que somos capazes de incluí-lo nesse processo de transformação, que visa formar seres responsáveis por seu futuro e pela sociedade.

O ato amoroso tem por objetivo apreciar e diagnosticar a aprendizagem do aluno para então incluir através de uma variedade de meios no curso de uma aprendizagem satisfatória, onde integre todas as suas experiências de vida.

Luckesi (2005, p. 173) nos diz que:

Avaliar um aluno com dificuldades é criar a base do modo de como inclui-lo dentro do círculo da aprendizagem; o diagnostico permite a decisão de direcionar ou redirecionar aquilo ou aquele que está precisando de ajuda.

Nesse sentido, a avaliação pode ser considerada como meio de adquirir e “tomar” providência que busque melhorar o ensino e a aprendizagem. Do contrário, a prática avaliativa torna-se apenas “sofrimento”, em que a acomodação e a resistência à mudança prejudicam a tão desejada transformação.

Ao analisar a prática avaliativa da aprendizagem, Hoffman (2009, p.17) fala que “a avaliação é a reflexão transformada em ação”. Nessa visão, a avaliação deve ser observada e praticada não como julgamento de valor, mas sim como meio a atingir a aprendizagem.

Para isso, se faz necessário que o professor tome consciência de seu dever como mediador, e tenha senso de justiça e responsabilidade ao submeterem seus alunos a devidos resultados de desempenho de sua aprendizagem.

Apesar da insistência dos discursos pedagógicos terem avançado, ainda persiste uma avaliação que não favorece o aprendizado, pois esta é concebida em momentos distintos onde é constatado o desempenho do educando e é descartada a formação do ser de forma integral.

Somente ocorrerão mudanças nesse processo quando todos os envolvidos tiverem consciência de que a avaliação e a aprendizagem devem ser entendidas como elementos intercomplementares, auxiliares no desenvolvimento do educando, e aperfeiçoamento do professor.

Para Both (2011, p. 127):

A avaliação quando concebida como processo é ensino por excelência. Assim, ensino e avaliação como processos mantêm simultaneidade e concomitância de ações de intervenção e de efeitos, pois, ensinamos avaliando e avaliamos ensinando.

Percebe-se que compreender e realizar uma prática avaliativa no decorrer do processo é uma questão de habilidade e competência da elaboração e execução da mesma, onde vise a formação do educando de forma integral.

Essa dicotomia entre ensinar e avaliar, que acontece em momentos distintos, não deve fazer parte do cotidiano escolar, ao contrário, essas duas ações (educar e avaliar) se complementam, para somente assim atingir à aprendizagem.

1.2.2 Dimensão Social

A avaliação da aprendizagem responde a uma necessidade social, cujo objetivo é auxiliar o educando no seu crescimento, na sua integração consigo e com o meio em que vive. E a escola, desse modo, não é apenas um local onde se aprende um determinado conteúdo repassado, mas um local por excelência onde se aprende a construir relações. A esse respeito Libâneo (1994, 196) fala que:

Os resultados do processo de ensino preparam os alunos para enfrentarem as exigências da sociedade, de inseri-los no processo global de transformação social e de propiciar meios culturais de participação ativa nas diversas esferas da vida social.

Essas relações devem propiciar a inclusão de todos e o desenvolvimento da autonomia e autodireção dos estudantes com vistas a que participem como construtores de uma nova vida social.

E ainda de acordo com Luckesi (2005, p. 175) “A avaliação da aprendizagem escolar auxilia o educador e o educando na sua viagem comum de crescimento, e a escola na sua responsabilidade social”. Ter essa compreensão é fundamental para que se possa no processo pedagógico, orientar a avaliação para essas finalidades.

1.2.3 Dimensão Psicológica

A dimensão psicológica da avaliação abrange muito mais do que o caráter psíquico, motor e cognitivo da criança, e vai além da intervenção do professor nesse contexto psicológico, visto que as motivações, os anseios e os prazeres também são considerados no momento da avaliação dos educandos.

Both (2011, p. 44) fala que “a avaliação subentende o acompanhamento ao apoio técnico, pedagógico e psicológico do aluno pelo educador ao longo de todo processo de ensino-aprendizagem”. Baseado nesse apoio técnico e pedagógico, cabe ao professor orientar o educando nessa caminhada em busca de uma aprendizagem que venha a contribuir para o seu conhecimento e saber em sua totalidade, onde a preocupação do professor não se resume apenas em suas capacidades e habilidades intelectuais, mas na construção do sujeito como um todo.

Assim sendo, avaliar não é medir aspectos isolados, mas equilibrá-los para só assim atingir uma aprendizagem adequada e satisfatória, exigindo maior técnica e dedicação.

1.2.4 Dimensão Educacional

A prática da avaliação na maior parte das escolas encontra-se a serviço de uma grande contrariedade entre o discurso e a prática pedagógica adotada por muitos professores que seguem o modelo conservador de sociedade e de educação, porém, para propormos o rompimento de seus limites, devemos pensá-la de forma comprometida associada com a melhoria do desempenho de seus alunos e com o aperfeiçoamento da prática do professor.

O professor, por sua vez, deve compreender que o trabalho desenvolvido com seus alunos passa por uma organização que inclui objetivo a atingir conteúdos a trabalhar uma metodologia para desenvolver bem esse processo.

Segundo Hoffman (2009, p. 19):

A avaliação deixa um ser em momento terminal do processo educativo (como hoje é concebido) para se transformar na busca incessante de compreender são das dificuldades ao educando e na dinamização de nossa oportunidade de conhecimento.

Diante das dificuldades que perpassam a trajetória escolar às mudanças no processo avaliativo em busca de um ensino-aprendizagem de qualidade, o nosso maior desafio está na formação de uma nova concepção de avaliação, que contemple a necessidade do aluno e não uma avaliação de caráter punitivo com castigos e reprovação, negando-lhe chances de êxito.

De acordo com Both (2011, p. 110):

Avaliação é uma questão de justiça de bom senso, equilíbrio pessoal e valorização do desempenho do aluno, devemos sempre enfatizar o aprender a aprender, o aprender a ser, o aprender a criar e aprender a fazer.

Diante da organização do trabalho pedagógico, o professor deve focar na aprendizagem, considerando a necessária articulação entre planejar, ensinar, aprender e avaliar.

1.3 A avaliação nos marcos legais da atualidade

No que se refere à avaliação do ensino e da aprendizagem, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de nº 9394/96 e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), trazem em suas marcas legais, leis, normas e orientações flexíveis onde as escolas e os professores possuem “autonomia” para decidir sobre o ato de avaliar, escolher dentre os vários métodos e técnicos os meios adequados no processo de aquisição do conhecimento. Ao mesmo tempo, a LDB e os PCNs possibilitam aos professores repensarem sobre sua prática pedagógica e ajustando-a às necessidades dos educandos, criando assim condições para que os mesmos aprendam da melhor maneira possível.

Segundo Santos (2008, p. 48):

[...] Avaliar é comparar entre si o desejado e o realizado, isto é a avaliação é um processo contínuo que classifica em determinados padrões os resultados obtidos pelo controle e que apresenta propostas de soluções alternativas para corrigir ou incrementar a dinâmica da educação escolar.

Para a realização de tal tarefa, os professores e a escola devem fazer uso de métodos e técnicas específicas para atender as demandas de necessidades encontrados no meio social no qual a instituição encontra-se inserida, visto que é fundamental retirar a avaliação do reduzido espaço em que ela se encontra imerso, e expandi-la a toda etapa do trabalho pedagógico, que começa na sala de aula e se estende além dos muros da escola.

1.4 A avaliação de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96.

Observando as práticas avaliativas realizadas no interior do Sistema Educacional, identificam-se ações controladoras e classificatórias, em que avaliar se traduz em medir os conhecimentos do aluno. Tais práticas foram impulsionadas para a mudança no plano legal a partir da Lei de Diretrizes e Bases de 1996 que considera a avaliação como um processo contínuo, dinâmico, construtivo, abrangente e parte integrante do processo educativo em que se participa educando e educador.

A esse respeito, Both (2011, p.119) diz que “as diretrizes legais não surgem apenas por conta do eventual destino assumindo pela educação, mas se revelam como ingredientes mediadores necessários para o cumprimento de políticas educacionais [...]”.

A educação escolar assim deve ser assegurada a todos, sem distinção, além de garantir a sua permanência na escola. Portanto, é necessário que a avaliação seja um ato reflexivo, de acompanhamento e acolhida indistintamente com conteúdos contextualizados à realidade dos educandos, numa ação contínua de busca de saberes.

De acordo com o Inciso V alínea “a” do art. 24 da LDB nº 9394/96: “A avaliação é um processo contínuo e cumulativo do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais” (BRASIL, 1996). As junções desses dois aspectos devem contribuir para uma formação integral do educando, e não um sobressair o outro.

Both (2011, p.102) enfatiza que o professor deve valorizar as situações de aprendizagem para avaliar o desempenho do aluno, o autor destaca também a importância de outras atividades para o acompanhamento da aprendizagem.

O objetivo principal da avaliação não é apenas constatar o desempenho do aluno de acordo com suas capacidades e habilidades no fim de um curso de aprendizagem, mas sim permitir que os alunos saibam quais foram os caminhos e os percursos trilhados por eles na construção do seu próprio conhecimento, valorizando cada etapa na busca de um resultado.

A avaliação vai além da mensuração quando vista como processo contínuo, dinâmico e construtivo e não apenas como um fim, eliminando seu caráter classificatório e passando a usá-la como diagnóstico, servindo para orientar, acompanhar o trabalho pedagógico do professor bem como os avanços e dificuldades dos alunos.

A partir da aprovação da LDB em 1996 fica estabelecida que a avaliação deve ser diária, onde os aspectos qualitativos prevaleça sobre os quantitativos. Da mesma forma, os resultados obtidos pelos alunos ao longo do ano escolar devem ser valorizados, não somente pela nota, pois uma avaliação somente assim pode ser chamada se propiciar um diagnóstico que contribua para a melhoria da aprendizagem, priorizando a qualidade e o desempenho do educando ao longo de todo período e não numa única prova.

1.5 A avaliação de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

A concepção de avaliação segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) tem como propósito mostrar uma avaliação que vai além de uma visão tradicional, onde focaliza o controle dos educandos mediante as notas, usando como instrumentos, provas e exames.

De acordo com os PCNs (1997, p. 81),

A avaliação subsidia o professor como elemento para uma reflexão contínua, sobre sua prática, sobre sua criação de novos instrumentos de trabalho e a retomada de aspectos que devem ser revistos, ajustados ou reconhecidos como adequados para o processo de aprendizagem individual ou de todo grupo. Para o aluno é um instrumento de tomada de consciência de suas conquistas e dificuldades e possibilidades, para reorganização de seu investimento no desejo de aprender. Para a escola possibilita definir e localizar quais aspectos das ações educacionais demanda maior apoio.

Nesta ótica significa que tomar a avaliação nessas três dimensões requer sistematização do processo buscando nele conexão dos aspectos construtivo, contínuo e dinâmico.

Assim sendo, os Parâmetros Curriculares Nacionais trazem para os professores alunos e escola em geral, orientações e procedimentos sobre o ato de

avaliar. Consta ainda nos PCN's que orientações didáticas podem ser colocadas em prática mediante a realidade do educando e seu contexto.

1.6 Modalidades da Avaliação

Baseado em várias discussões acerca da avaliação destacaremos algumas de suas modalidades, a fim de que possamos buscar definições que nos auxiliem ainda mais e melhor nesse processo tão amplo.

As diferentes modalidades de avaliação caracterizam-se segundo Both (2011, p. 73) “por corresponder aos posicionamentos adotados para o direcionamento das convicções que defendemos a respeito do papel do ato avaliativo no contexto de ensino-aprendizagem e intervenção que julgamos propiciar os melhores resultados”.

Percebemos que a avaliação, como qualquer outra parte do processo educativo, é um caminho, percurso em evolução e inovações constantes. Este processo não é estático.

Podemos observar alguns tipos de modalidades de avaliação utilizada pelos docentes na instituição escolar. Daremos ênfase a três modalidades presente no ensino-aprendizagem, porém, o que o diferencia uma da outra é o modo como são desenvolvidas pelos educadores. Dependendo da finalidade, de como é utilizada em relação aos resultados da avaliação nessa ação de ensinar e aprender, ela pode ser: Somativa, Diagnóstica e formativa.

1.6.1 Modalidade Somativa

A avaliação Somativa é aquela que tem como objetivo principal, determinar o grau de domínio do aluno em uma determinada área da aprendizagem, como também tem o poder de classificar os alunos no final de um período de aprendizagem, de acordo com o nível de aproveitamento.

No entanto, a avaliação somatória (classificatória e normativa) é aquela cuja prática é examinar, vigiar e punir, assim a aprendizagem é decorrente de um sistema eficiente de vigilância e de punição que é facilmente traduzível em provas, testes, notas conceituais, recuperação, aprovação e reprovação. Nas escolas essa avaliação é vista como avaliação de rendimento escolar, porém, vem sendo aplicada

de maneira aleatória e muitos educadores dizem aplicar porque é obrigado por ser uma exigência legal.

Conforme Luckesi (2005, p 37):

A avaliação assumida como classificatória torna-se, desse modo um instrumento autoritário e frenador do desenvolvimento de todos os que passarem pelo ritual escolar, possibilitando a uns o acesso e aprendizagem no saber, a outros a estagnação de evasão dos meios do sabe.

A avaliação somativa tem uma multiplicidade de significados, de um lado ela é utilizada como instrumento de medidas e julgamento de resultados no fim de um curso, de outro como forma quantitativa, e de outro ocorre ao final do processo de ensino, onde se estabelece um balanço do que foi aprendido por todos os alunos, no sentido de aferir resultados já colhidos anteriormente, pelos testes.

Mas o que se pretende com esse tipo de avaliação é que ela seja encarada, como instrumento auxiliar as outras propostas, pois todos devem ser complementares, visando conhecer melhor o seu aluno, constar o que esta sendo repassado e assimilado e adequá-lo ao ensino-aprendizagem satisfatório.

Assim, faz-se necessário reformular conceitos sobre a avaliação, onde os mesmos deixam de ser elementos servidores apenas para medir desempenho dos alunos em intervalos de tempo predeterminados, mas que tornam-se fonte de informação e de conhecimento sobre os educandos e sua prática, e somente a partir daí preparar novas maneiras, novos olhares preparando-os para a vida.

1.6.2 Modalidade Diagnóstica

Entende-se por modalidade diagnóstica, aquela em que é feita uma análise preliminar para identificar ou avaliar os conhecimentos específicos dos alunos, antes de iniciar as atividades escolares.

Com tal procedimento realizado com seus alunos, o educador pode, a partir dessas informações prévias, desenvolver um planejamento que leve em consideração as reais necessidades do educando, além de ser uma excelente oportunidade para repensar sua postura pedagógica.

Assim, Luckesi (2005, p.35) diz que: “A modalidade diagnóstica será um momento dialético de “senso” do estágio em que se está colocado como ponto a ser atingido à frente”.

Neste sentido, a avaliação diagnóstica pretende averiguar a posição do aluno perante as novas aprendizagens que lhes vão ser propostas diante dos dados presentes acerca de suas capacidades, habilidades e dificuldades que servem de base, no sentido de prevenir as dificuldades futuras e, em certos casos, de resolver situações presentes.

A avaliação diagnóstica é uma análise criteriosa dos dados coletados, visto não como objetivos de aprovar ou reprovar os alunos, mas sim como meio para o professor rever o desenvolvimento do educando e, a partir daí oferecer oportunidades para que ele avance no processo de construção do saber/conhecimento.

Nos fala Both (2011, p.37) “a avaliação diagnóstica cumpre a ação de avaliar a função de orientar e estimular o estudante em sua ação educativa”, sendo que para que possamos dar verdadeiramente valor aos alunos no processo ensino-aprendizagem necessitamos conhecer o estado em que se encontra o educando.

O que realmente se espera da avaliação, e que os seus resultados constituam parte de um diagnóstico e que mediante essa análise da realidade sejam tomadas decisões sobre o que fazer para superar os problemas constatados. Perceber a necessidade do educando para que o mesmo possa intervir na sua realidade, ajudando superar desafios.

Segundo Fernandes (2008, p.22):

A avaliação é aquela em que o professor está atento aos processos e as aprendizagens de seus estudantes. Pode se dizer que orienta os estudantes para a realização de seus trabalhos de suas aprendizagens, ajudando-os a localizar suas dificuldades e suas potencialidades, redirecionando-os em seus percursos.

Enfim, a avaliação deve ser percebida como um momento de observação e diagnóstico de dificuldades para depois intervir na realidade dos discentes, observando o processo de ensino-aprendizagem e aplicando este da maneira mais adequada.

1.6.3 Avaliação formativa

A avaliação formativa ocorre durante todo o ano letivo, ajudando os alunos a desenvolverem sua capacidade cognitiva, e ao mesmo tempo informações sobre seus desenvolvimentos na construção do sujeito com um todo, considerando seus valores pessoais e sociais.

A avaliação formativa ajuda ainda manter os alunos informados sobre os objetivos, se eles estão ou não atingindo os mesmos, identificar quais obstáculos que podem comprometer a aprendizagem no decorrer do processo e localizar deficiências e dificuldades nos alunos e na prática pedagógica.

Em resumo, a avaliação somativa tem como principal função classificar os alunos ao final do conteúdo “dado” segundo níveis de aproveitamento apresentados nas atividades realizadas, avaliando pelo seu rendimento alcançado.

Já a avaliação diagnóstica tem como objetivo identificar dificuldades em seu desempenho escolar, funcionando como uma sondagem para analisar quais os objetivos não foram atingidos e assim (re) elaborar novas estratégias para que se efetue o conhecimento.

Por fim, a avaliação formativa tem como propósito apontar as deficiências e insuficiências no decorrer do processo educativo, de modo a possibilitar a reformulação do mesmo e assegurar o alcance dos objetivos propostos.

É necessário ao avaliar as competências dos alunos, se definirem adequadamente os objetivos que o aluno deve alcançar. O professor deve desenvolver o papel de problematizador, fazendo com que o aluno possa construir seu próprio conhecimento.

Segundo Luckesi (1995, p. 43):

A avaliação educacional escolar como instrumento de classificação, como já vimos nesta discussão, não serve em nada para a transformação; contudo é extremamente eficiente para a conservação da sociedade, pela domesticação dos educandos.

Portanto, o ato avaliativo responde a passos que se complementam. Conhecer o nível de desempenho do aluno, comparar as informações e retirando dela o que realmente é importante para a aprendizagem e tomar decisões que possibilitam o alcance de bom êxito a serem atingidos pelos educandos, estes são os elementos que se complementam.

Ainda têm-se como nota de relevância as discussões em torno da autoavaliação, que é um instrumento bastante valioso para a aprendizagem, uma vez que espera do aluno a responsabilidade por sua própria aprendizagem. Ela permite ao aluno e ao professor analisar suas próprias dificuldades e avançar, sendo necessário que o professor ofereça condições favoráveis ao saber, para ajudar o aluno a pensar sobre si.

“Precisamos transformar o discurso avaliativo em mensagem que faça sentido, tanto para quem emite quanto para aquele que o recebe” (RABELO, 1998, p. 80).

1.7 A Avaliação No Processo Ensino-Aprendizagem Numa Perspectiva Transformadora.

A avaliação é vista como uma necessidade de verificar os avanços e dificuldades dos alunos e contribuir para decidir sobre o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando aos alunos e professores se autoavaliarem.

Para Both (2011, p. 35).

Um processo avaliativo representa para nós e para o aluno, na mesma proporção uma oportunidade impar de obtenção de elementos para reflexão sobre a prática pedagógica docente e sobre a construção do nível de desempenho de rendimento e de produção do aluno.

É necessário analisar cuidadosamente a complexidade da ação avaliativa no processo ensino-aprendizagem, visto que a avaliação é uma ferramenta do qual o ser humano não fica isento, pois faz parte do seu modo de agir e pro isso é necessário que seja utilizada da melhor forma possível.

Dessa forma, é importante saber o verdadeiro objetivo de avaliar, pois por um lado parece simples e fácil quando se trata da nossa rotina diária, em relação à escola tem sido muito difícil, pois tem se deparado com muitas dificuldades ao qual se vem buscando saídas e soluções para as mesmas.

Um dos grandes problemas que a escola atualmente vem se deparando é a sua própria resistência a mudanças na prática pedagógica, no qual ainda utiliza-se de testes padronizados, das provas “ditas objetivas”.

Segundo Luckesi (2005, p. 23) “mais importante do que ser uma oportunidade de aprendizagem significativa à avaliação tem sido uma oportunidade de prova de resistência do aluno às ações autoritárias da prática do professor”.

Estas orientações trouxeram consequências nocivas para a escola, reduzindo assim a avaliação a resultados alcançados, separando-a do processo de ensino e quantificando a aprendizagem.

Usar a avaliação como instrumento de investigação da aprendizagem do estudante é utilizar-se de um perverso instrumento de discriminação e seletividade no processo ensino-aprendizagem, pois essa prática vem conseqüentemente provocando problemas que exige muito do ser em constante formação.

E ainda esse tipo de avaliação acaba por expulsar da escola justamente aqueles que dela mais precisam, rotulando-os de incapazes por não acompanhar o ritmo de ensino da mesma. Quando muitas vezes o fracasso não se encontra no aluno, mas sim na própria instituição de educação que muito exige e cobra e, pouco ela faz por sua clientela. Dessa forma, ela torna-se incapaz de orientar o processo ensino-aprendizagem em função das necessidades da mesma e não sabe enfrentar suas características próprias, que é de formar o ser integralmente levando-se em consideração todo um percurso de vida do educando.

No entanto, na busca por mudança de paradigmas, cria-se uma nova cultura avaliativa, onde a avaliação possa a está comprometida com a escola e esta deverá contribuir para compreender o processo de construção do caráter, da consciência e da cidadania, passando pela produção e conhecimento, fazendo com que o aluno entenda e possa agir no mundo em que vive para usufruir dele, mas, sobretudo que esteja preparando para transformá-lo com respeito ao bem viver comum.

Nas palavras de Both (2011, p. 43): “a avaliação se constitui em ação construtiva, de acompanhamento do educando como ser em constante evolução, tanto em nível de aquisição de conhecimentos como em termos de formação pessoal”.

A avaliação que visa à aprendizagem como processo dinâmico e construtivo, levando em consideração os processos vivenciados pelos alunos, resultante de um trabalho intencional do professor. Nesse proceder deverão constar objetivos, procedimentos, atividades e outras formas de acompanhar seu desempenho e conhecê-lo na íntegra.

Nesse contexto, encontra-se a inter-relação professor-aluno em busca de uma avaliação como processo construtivo, dinâmico, e não apenas resultado final e estatístico, assim sendo, essa avaliação deve acontecer ao longo de toda a execução do ano letivo, sem se limitar a momentos especiais.

Essa é a visão que precisa ser entendida e assumida pelos profissionais da educação que compreendem “a avaliação como processo dinâmico construtivo e de acompanhamento crescente do aluno ao longo de todo o processo pedagógico, preocupando-se pontualmente com a melhoria do estudante” (BOTH, 2011, p. 46).

A ação de avaliar não pode se restringir apenas à coleta de informação sobre o alcance de resultados, mas procura identificar as causas da situação crítica, promovendo e o desenvolvimento e os motivando cognitivamente a se comprometer com seu próprio desenvolvimento. Dessa forma, os educandos devem saber o que se espera deles e a importância de conhecer o que se está ensinando.

É indispensável que o estudante saiba por qual razão deve aprender aquilo que lhe ensinam e sua importância, e, sobretudo, que o professor faça uma ideia do percurso do aluno.

Nessa linha Hoffmann (2009, p. 63) diz que:

O professor deve assumir a responsabilidade de refletir sobre toda a produção de conhecimento do aluno, promovendo o “movimento”, favorecendo a iniciativa e a curiosidade no perguntar e no responder e construindo novos saberes junto com os alunos.

É essencial que os professores tenham a plena clareza sobre o conceito de avaliar, visto que no contexto educacional ela ainda é um dos grandes problemas a ser enfrentado e superado.

Segundo Both (2011, p.126):

Não se avalia o aluno para saber se ele “aprendeu” a informação que lhe foi repassada pelo professor e, sim para saber se além dos conhecimentos construídos a partir das informações transmitidas pelo professor ou buscadas por ele próprio, adquiriu as competências, as capacidades para sua participação e as habilidades essenciais para sua participação efetiva na sociedade que deveriam ser desenvolvidas pela escola; diante de sua responsabilidade de formar integralmente os alunos, para que eles possam viver o hoje e preparar-se para o amanhã.

O professor educador, diante da variedade de concepções de avaliação, deve ter em mente que avaliar é um ato de compromisso, coragem e seriedade, pois é a partir dela que o mesmo estará replanejando suas ações de forma competente, pensando no aluno como sujeito do processo, inacabado e não como objeto que apenas se “deposita” conhecimentos.

1.8 A Avaliação No Contexto Escolar: Nova Visão de Avaliação

O professor, como ser mediador, precisa repensar efetivamente sua prática em relação à avaliação, torná-la coerente com seu discurso. Observar, pensar a escola como um espaço de exclusão que afasta os educandos que não produzem o esperado pelo sistema, seguidos por uma concepção classificatória, na qual os alunos são tratados como se estivesse em uma competição, quem foi melhor fica os piores estão fora.

Mas o foco principal da avaliação não é esse, o de excluir, do contrário, ela deve possibilitar o melhor desenvolvimento do aluno ao longo do processo de aprendizagem.

E quanto aos que optarem por mudanças em sua prática avaliativa têm que enfrentar as visões de avaliação dos pais dos alunos, cujo pensamento é de que uma educação de qualidade tem que ser somatória (classificatória e normativa), cuja prática é examinar, vigiar e punir os educandos no final de um período estudado, de acordo com seu nível de aproveitamento.

Nas palavras de Fernandes (2008, p. 19) “em nossa sociedade, de um modo geral, ainda é bastante comum as pessoas entenderem que não se pode avaliar sem que os estudantes recebam uma nota pela produção”.

No entanto, para reverter esse quadro, é preciso que os professores tenham clareza e consciência que as transformações se dão primeiro na sua concepção de avaliação, para, a partir daí, expor argumentos sólidos para convencer os pais de que avaliar é acompanhar cotidianamente, passo a passo, o desenvolvimento integral do educando, possibilitando correções e a tomada de novos horizontes, e não somente a verificação da aprendizagem dos mesmos, que acontece em tempos predeterminados, “fornece dados estatísticos como suporte a tomada de decisões pela avaliação” (BOTH, 2011, p. 47).

Mas para que essa mudança venha a se efetivar o professor necessita possuir uma boa fundamentação teórica a respeito da avaliação, para poder convencer esses pais da necessidade de um novo pensamento sobre avaliação da aprendizagem, sobre a escola e sociedade.

A contradição entre o discurso e a prática do professor é um processo que merece atenção redobrada por parte de todos os indivíduos no processo de aprender e ensinar. Quando isso se realiza podemos talvez vislumbre uma “luz no fundo do poço”, para uma mudança realmente efetiva da prática da avaliação da aprendizagem. Conforme Hoffman (2009, p. 68):

O objetivo do desafio que se enfrenta, quando uma perspectiva mediadora da avaliação e principalmente, a tomada de consciência coletiva dos educadores sobre a prática, desvendando-lhe princípios e conceitos a ação avaliativa para o caminho das relações dinâmicas e dialógicas em educação (HOFFMANN, 2009, p. 68).

Porém, para que a avaliação que a avaliação possa cumprir sua verdadeira função na aprendizagem é salutar que os professores e os demais envolvidos conheçam cada um dos seus alunos e suas necessidades, pois somente assim poderá buscar diferentes alternativas para que os educandos alcancem objetivos.

A lei nº 9394/96 está presente no discurso da maioria dos professores, porém, a sua prática no cotidiano revela ações contrárias. Nota-se em suas falas o respeito às individualidades dos alunos, a necessidade de acompanhar diariamente o desenvolvimento de cada um dar prioridade a avaliação quantitativa sobre a qualitativa. Mas o que se observa na prática é que o aluno é avaliado somente por suas notas realizando nos testes e provas. Todo o caminho percorrido pelos educandos durante os bimestres é colocado de lado, o que conta é a nota final.

Essa contrariedade entre o discurso e a prática do professor mostra-se como um grande empecilho de mudança no ato de avaliar, principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental, onde a divisão por disciplina impede a contextualização, dificultando imensamente sua assimilação e conseqüentemente fazer uso concreto do saber no meio em que se encontram inserido.

O que busca é que a mudança no processo de avaliação que usa a formação de seres humanos críticos, criativos, responsáveis e comprometidos com o futuro não só de si mesmos, mas também da contribuição coletiva dos próprios alunos e familiares para que se efetive satisfatoriamente.

A (re) construção da prática avaliativa supõe educadores com formação crítica, capaz de ampliar seus espaços e pensamentos de compreensão de um reconhecimento da necessidade de uma formação constante, buscando se “reciclar”, novos saberes bem como ter disposição para ser sujeito à mudança e a construir algo inédito, diferente.

Com isso, podemos dizer que é preciso analisar a prática avaliativa que acontece em nossas escolas, substituir “falácias” diárias, prática conservadora e tradicional, por ações inovadoras cheias de abertura ao novo.

Velhos mitos estão presos na prática avaliativa que desde “sempre” estiveram a serviço do autoritarismo do professor e da passividade dos alunos em relação ao ensino-aprendizagem: e essa contradição existente entre o que o professor faz e o que deve ser, é fruto da própria formação dos educadores, pois oriundo de um sistema, escola e sociedade de conservadora e tradicional, fica difícil mudar, ampliar os seus pensamentos. A velha prática parece estar impregnada, pois os educadores não conseguem conciliar os dois termos, pois fazem parte do mesmo processo.

Assim, diz Freire (1996, p. 39) “É pensando criticamente a prática de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Isso tudo só se torna possível com novas visões e conceitos, que analisa o seu trabalho na íntegra e somente assim agir localmente.

Apesar da exigência atual de novas concepções de avaliação, que viessem avaliar o aluno no decorrer de todo o processo de desenvolvimento de sua aprendizagem, a atual prática docente ainda é ameaçadora, autoritária e seletiva, isso porque grande parte dos professores ainda resiste à mudança no modo de avaliar e permanece utilizando métodos improvisados, oferecendo um ensino que nada acrescenta na vida dos educandos.

Conforme Luckesi (2005, p.169): “A prática escolar, usualmente denominada de avaliação, pouco tem a ver com a avaliação. Ela constitui-se muito mais de provas e exames do que avaliação”.

Atualmente, tem se notado nas escolas, por conta do modelo de avaliação adotado pelo sistema de ensino e pelo discurso contraditório de muitos professores, uma visão errônea de avaliar, tornando-se complexa e mal sucedida ao ser colocada em prática. Dessa forma, a avaliação vem deixando suas marcas de discriminação na vida daqueles indivíduos que, em busca da aprendizagem, passam pela escola e pela mesma são classificados e excluídos.

O que sabemos e presenciamos diariamente é que essa prática acaba por rotular essas pessoas como incapazes, retirando delas o seu direito de aprender a prosseguir nos estudos.

Na visão de Hoffman (2009, p. 62):

Perigosamente, as condições concretas da prática avaliativa atual autoritária e coercitiva, determinam continuamente situações de sucesso e fracasso escolar com base em exigências de memorização e reprodução de dados pelo aluno. O cotidiano da escola desmente um discurso inovador de considerar a criança e o jovem a partir de suas possibilidades reais. A avaliação assume a função comparativa classificatória, negando as relações dinâmicas necessárias à construção do conhecimento e solidificando lacunas de aprendizagem.

Contudo, um professor educador que se preocupa com sua prática educacional, voltada para a transformação, não poderá agir de forma contraditória entre o seu discurso e sua prática, e para isso é necessário que ele respeite os critérios de avaliação constados no Projeto Político Pedagógico da escola, que o mesmo deve determinar indicadores a serem alcançados pela comunidade escolar através da participação coletiva de todos os envolvidos na busca do bom êxito.

Respeitar o sistema de ensino é dever do professor, mas ele também tem autoridade suficiente para desenvolver sua prática da melhor maneira possível, buscando o desenvolvimento do aluno como todo e ainda ter consciência que não é porque seja mais rápido e fácil mensurar conceitos ou aferir notas, no sentido de classificar e controlar que deva seguir essa visão. Mas sim para melhor conhecer seu aluno, compreendê-lo e interagir de forma que venha atender suas necessidades e superar dificuldades no processo ensino-aprendizagem.

De acordo com Fernandes (2008, p. 20):

É possível concebermos uma perspectiva de avaliação cuja vivência seja marcada pela lógica da inclusão do diálogo, da construção, da autonomia, da mediação, da participação e da construção da responsabilidade com o coletivo. Essa concepção de avaliação parte do princípio de que todas as pessoas são capazes de aprender e de que as ações educativas estratégias de ensino, os conteúdos das disciplinas devem ser planejadas a partir dessas infinitas possibilidades de aprender dos estudantes.

É notório o sonho por uma escola democrática, igualitária, e que forme cidadãos críticos e ativos na sociedade. Porém, em nossa prática diária escolar, hoje

usamos a denominação de avaliação e praticamos provas e exames. Assim, segundo Luckesi (2005, p.171) “essa prática é difícil de ser mudada devido ao fato de que a avaliação, por si, é um ato amoroso e a sociedade na qual está sendo praticado não é amoroso, e daí, vence a sociedade e não a avaliação”.

Para aqueles que realmente se importam com o bem estar e o conhecimento crítico, favorável à aprendizagem a avaliação é um instrumento indispensável à vida de cada ser humano, pois somente dará efeito positivo se fizermos uma prática constante de reflexão e incorporada a grande responsabilidade do professor e do seu aluno no processo ensino-aprendizagem, em mudar suas posturas, escrever conceitos e assim provar mudanças positivas dentro e fora da escola.

2 CULTURA AVALIATIVA: INVESTIGANDO OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS AO ATO DE AVALIAR

Quando escolhemos um caminho, temos motivos fortes e marcantes, e foi exatamente pensando nisso que resolvemos pesquisar as concepções de avaliação, seu valor para e o processo ensino-aprendizagem no trabalho pedagógico e docente.

O que nos motivou foi querer saber, conhecer, como as pessoas se sentem quando são avaliadas. Visto que é um momento cheio de sentimentos aflorados, e ainda por acreditar que o ato avaliativo é inerente a qualquer ser humano, sendo através deste que estamos constantemente, realizando julgamento de valor.

Esta pesquisa apresenta algumas problematizações e constatações que envolvem a avaliação no processo ensino-aprendizagem, em que ela, muitas vezes, é vista como meio de promover o educando de uma série a outra. Procurou-se também comprovar a relevância da avaliação nesse processo e ao mesmo buscar evidências que demonstrassem de que forma ela é sentida, recebida e realizada dentro da sala de aula.

Para a constituição desta trajetória metodológica, foi ordenado em dois momentos. Primeiramente foi realizada uma revisão teórica, sobre a temática, no segundo momento estruturei o questionário, com o intuito de obter mais informações sobre como a avaliação contribui no processo de formação dos seres.

A escolha da escola se deve ao fato de já ter estagiado na mesma e querer contribuir de alguma forma para sua melhoria.

Ao chegar à instituição foi apresentada a temática à diretora, que prontamente concordou com a realização do trabalho. Depois foi aplicado o questionário com quatro alunos, sendo os mesmos realizados separadamente na sala de leitura da escola. A escolha das crianças foi feita conjuntamente com a professora regente, sendo que foi pedido previamente que ela nos indicasse os dois alunos que obtiveram melhores notas e dois com as notas mais baixas para fazer um paralelo dos mesmos. E logo em seguida foi entregue à professora o questionário para ela responder.

Apresentamos individualmente o objetivo do trabalho juntamente com o questionário deixando bem claro que os sujeitos não eram obrigados responder. Foi então marcado com a professora o dia da devolução do questionário, mas isso só

ocorreu duas semanas depois. Já os das crianças foram realizados e entregues no mesmo dia.

No questionário aberto aplicado, contendo doze perguntas (alunos) e treze (professora), procuramos saber como os sujeitos observam os dias de provas, o que eles sentem, se as consideram as atividades que valem nota mais importante, se é importante fazer prova, como gostariam de serem avaliados, e qual a reação da família ao receber as notas. As perguntas foram respondidas pelos sujeitos que se dispuseram a contribuir com esta investigação. Depois de ter todos os questionários respondidos, iniciamos a análise dos dados que foram transformados em quadros para melhor clareza dos resultados.

Portanto, estudar sobre o ato avaliativo realizado no interior das escolas é algo fundamental importância, pois permite conhecer melhor as diversas maneiras em que a avaliação se efetiva no ambiente escolar.

Qualquer tipo de pesquisa exige do pesquisador envolvimento e seriedade para realizá-lo, buscando através de estudos aprofundados colher informações satisfatórias ao seu tema pesquisado. E assim, diz Severino (2007, p.218) “Não se faz ciências, sem esforço, perseverança e obstinação”.

O procedimento metodológico escolhido para desenvolver esta pesquisa foi o qualitativo, tipo estudo de caso com levantamento de dados bibliográficos, embasados em pesquisadores como: Hoffman, Cordeiro, Romão, Luckesi, dentre outros estudiosos da temática.

O contexto no caso específico desta pesquisa foi a Escola Municipal Celso Eulálio, que se encontra localizada na Praça Josino Ferreira, 365 no centro da cidade de Picos-PI.

Depois de estabelecer os propósitos da pesquisa qualitativa, o que melhor se adéqua a uma investigação são as narrativas, por serem produtoras de conhecimento, além de descrever a realidade e assim estimular os indivíduos a expressar seus sentimentos e opiniões. Ela é ainda um processo coletivo em que a experiência do investigado se mistura com a do investigador, exigindo, contudo, habilidade e cuidado ao analisá-la.

Assim, as narrativas constituem as representações da realidade, com suas várias interpretações e significados, sem deixar despercebidos detalhes, destacar situações ou suprimir outras, tudo deve ser analisado e explorado sempre com fins

educativos, pois nelas conseguimos expressar nosso lado sensível e compreender algo antes não percebido.

Ao falarmos sobre os seus próprios fatos e experiências vividas, para muitos é um momento de retorno ao passado e, nova visão para construir o futuro, assim acaba fazendo uma autoanálise, criando bases de compreensão sobre si e sua prática. Eles produzem história e afeta a sua realidade e dos demais de quem convivem.

Portanto, as narrativas são úteis para que possamos trabalhar a partir da experiência relatada, ao mesmo estimulante na expressão de seus pensamentos.

A utilização do método qualitativo serve para narrar e analisar fenômenos, e não busca enumerar ou medir eventos, mas obter dados descritivos, através do contato direto e interativo com o participante. Assim, seu uso difere do quantitativo onde seu foco principal é meramente estatístico.

Enquanto a pesquisa qualitativa tem função matemática de quantificar, fazer mensuração, a qualitativa valoriza os aspectos humanos, característicos do sujeito em todas as suas peculiaridades.

Neste tipo de pesquisa é possível analisar e formar conceitos, mediante perspectivas dos participantes da questão estudada e assim diminuir a distância entre teoria e prática, auxiliando a expressão dos sentimentos.

Ela permite ainda o redirecionamento da pesquisa e o replanejamento das ações que não conseguiram êxito e, conseqüentemente, uma visão nova, mais crítica dos fenômenos estudados.

Em relação aos instrumentos utilizados para a construção de dados, realizou-se uma entrevista informal, ou seja, aquela que é entrevistada expressa suas opiniões e sentimentos sem que o entrevistador imponha respostas, mas deixa-o falar livremente. Foi aplicado também um questionário aberto, contendo doze (12) perguntas para os alunos e treze (13) para os professores, sendo, pois questões abertas de fácil entendimento, as quais foram respondidas pelos sujeitos acima citados que se dispuseram a contribuir com esta investigação. As questões abertas estavam ajustadas ao tema avaliação a partir de uma abordagem qualitativa.

Por possuir caráter exploratório, ou seja, incita os entrevistados a passarem naturalmente sobre o tema em questão, indicando aspectos subjetivos abrindo espaço para (re) interpretações.

Na pesquisa qualitativa podemos transcrever as opiniões relatadas mediante questionários, sendo um dos instrumentos mais eficazes para se realizar hipóteses. Eles devem ser bem estruturados com perguntas claras e objetivas, de modo que não provoque dúvidas, facilitando a compreensão dos sujeitos. As questões abordadas por vir de várias formas: abertas, fechadas ou mistas.

Portanto, o questionário nas palavras de Severino (2007, p.125).

Conjunto de questões sistematicamente articuladas que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vista a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo.

Eles são o meio mais cômodo de valorizar pesquisas, visto que é uma técnica adotada pela maioria dos pesquisadores, pois facilita a análise posterior.

Deve ser ainda previamente testado, pois somente a partir daí podemos revisá-lo e ajustá-lo aonde for necessário, aumentando sua validade.

Ao utilizarmos as entrevistas como instrumento de construção de dados devemos levar em consideração suas características peculiares de extrair do sujeito pesquisado, seus pensamentos e saberes acerca de um determinado caso.

Nela, através de um discurso livre, a fim de buscarmos aperfeiçoar nossas informações, o pesquisador deve intervir discretamente somente para estimular e assim somar mais conhecimentos. A pesquisa visa expressar questões articulando-as com o contexto em que se está sendo realizado.

Segundo Severino (2007, p.124) “a entrevista é técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto diretamente solicitado aos sujeitos pesquisados”.

Ela deve ser realizada cuidadosamente. Assim Gil (2010, p. 120) sugere que ela seja:

Aberta (com ampla liberdade para responder, guiada com formulação e sequência definidas no curso da entrevista), por pauta (orientada por uma relação de pontos que vai sendo explorado ao longo do curso) ou informal, que se confunde com a simples conversação.

Quando bem conduzido, não corre risco de sofrer prejuízos e nem que venha a prejudicar a o esclarecimento acerca do problema pesquisado.

Na realização das entrevistas, por apresentarem caráter flexível, deve-se sempre evitar dispersão focalizando no tema específico, evitando assim que se

perca o assunto chave, pois para sua eficácia, deve ter além de uma boa estratégia por parte do entrevistador, que precisa possuir requisitos básicos para bem conduzi-los.

A esse respeito Gil (2010, p.106) cita algumas características inconvenientes para que vá realizar a entrevista são: “problemas de dicção, opinião apaixonada sobre o problema da pesquisa, timidez, apresentação deficiente”.

Faz-se necessário que, ao realizarmos uma entrevista, estejamos preparados previamente, a fim de que possamos obter o máximo de informações para que não se perca a qualidade da pesquisa e consigamos o êxito satisfatório.

Com o mesmo pensamento Lakatos (2010, p. 178) fala que “a entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”.

As entrevistas têm como vantagem principal é que pode ser realizada com qualquer pessoa, independente de ter escolaridade ou não. Como desvantagem é que muitas vezes dados relevantes podem ser deixados à margem, por falta de preparação prévia ou receio de ter sua identidade revelada.

Portanto, se faz necessário antes de tudo, informar ao sujeito a finalidade de sua pesquisa ressaltando sua importância e como se faz imprescindível sua colaboração, e que suas informações serão mantidas em sigilo, enfim dar condições para um ambiente agradável.

Sendo assim, nos questionários, diferente das entrevistas, o conjunto de questões são respondidas por escrito e não falada. No questionário, a rapidez e custo são mais baixos, constituindo sua característica principal na obtenção de informações e na sua elaboração deve conter o que se pretende alcançar claramente, além da necessidade de serem bem redigidas. Não é preciso normas rígidas, mas que sejam condizentes com seus objetivos.

Já as entrevistas são mais específicas e exigem maior empenho e cuidado rigoroso na elaboração e execução. Quando a pesquisa qualitativa está aliada a um estudo de caso, facilita suas constatações, contribuindo para que percebamos vantagens e desvantagens e enriquecer sua análise.

A pesquisa é, portanto, um procedimento sistemático, que visa buscar e proporcionar respostas aos problemas que a realidade apresenta. Nela buscam-se informações relevantes para quem lhes interessa e para a sociedade em geral. Para

isso, se faz necessário um método como o estudo de caso, que possa facilitar e desenvolver novos saberes e novos conhecimentos.

Gil (2010, p. 38) fala que:

No entanto os propósitos do estudo de caso não são os de proporcionar o conhecimento preciso das características de uma população, mas sim o de proporcionar uma visão global do problema ou identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por eles influenciados.

Isso nos mostra que a sua realização demanda muito tempo, e caso seja feito sem preparo e sem disponibilidade necessária, tem-se, como consequência, apenas um amontoado de dados, sem, contudo, ser possível analisá-lo de forma minuciosa e criteriosa.

Neste tipo de estudo você deve mostrar seu conhecimento a partir de uma experiência previa conjuntamente com dados científicos.

Sua crescente utilização no ambiente escolar se dá por servir como meio de descrever e explorar situações que não apresentam fenômenos bem definidos, exigindo assim uma investigação detalhada a fim de que se obtenham detalhes claros que possibilite formular novo saberes. Nele, também não necessários procedimentos tão rígidos, mas que seja realizado cuidadosamente para que não comprometa a qualidade dos resultados.

No estudo de caso podemos analisar situações e comportamentos, visto pela ótica individual e também coletiva, o que se pensa sobre determinado tema. E ainda, nele concentra-se no estudo singular e que seja relevante e significativo para se realizar comparações e quem sabe obter resultados inovadores e visões diferentes.

2.1 Pesquisando a avaliação escolar: caminhos singulares

2.1.1 Campo da pesquisa

O contexto desta pesquisa foi a Escola Municipal Celso Eulálio, que se encontra localizada na Praça Josino Ferreira, 365, no centro da cidade de Picos-PI. A mesma funciona em uma antiga casa que foi adaptada, pertence à rede municipal de ensino e oferece à comunidade Ensino Fundamental a partir da 1^o (primeira) série

até a 3º (terceira) série, ofertando 2 (duas) salas de 1º série, 2 (duas) de 2º série e 2 (duas) de 3º série.

Tem como clientela alunos em sua maioria de classe média baixa, atendendo um total de 160 alunos com faixa etária entre sete e dez anos, sendo composto por 26 alunos por turma.

A instituição dispõe de seis salas de aulas que correspondem a duas turmas de primeira série, duas de segunda série e duas de terceira série, distribuídas no turno manhã e tarde. A mesma conta com um laboratório de informática, dois banheiros, sendo usados por funcionários e alunos, uma cantina pequena, uma sala para diretoria/secretaria, uma sala de leitura e um pátio de tamanho pequeno, com uma temperatura muito elevada durante o dia.

O horário de funcionamento dá-se nos turnos: manhã e tarde, das 07h00 min as 11h00 min pela manhã e 13h00 min às 17h00 min pela tarde.

A seleção é aleatória, procuramos atender às necessidades dos alunos, seguindo o edital de matrícula.

Em relação à estrutura física, as salas são pequenas, não possibilitando a circulação do professor e nem mesmo desenvolver atividades diferenciadas devido à falta de espaço. São, grande parte delas, pouco ventiladas e sem muita iluminação.

As paredes encontram-se com vestígios de infiltração, sendo que nos dois banheiros é onde se encontra uma maior incidência. O piso, mesmo sendo antigo, está conservado, além das portas e janelas.

Ela tem ainda um pequeno “pátio” aberto para as crianças brincarem. Logo na entrada se encontra uma sala que funciona como diretoria/secretaria e do lado esquerdo a sala de leitura.

Não possui sala de professor, eles se reúnem na diretoria, uma sala com doze computadores, que raramente é utilizada a não ser para “joguinhos” e mostrar as partes externas dos mesmos.

O quadro de pessoal administrativo é composto por uma diretora, dezesseis professores, dois vigias, duas merendeiras e zeladoras. Alguns concursados e outros contratados.

A administração exercida pelo diretor é baseada na concepção democrática, onde em uma ação interativa, no gerenciamento coletivo de internacionalidade educativa compartilhada que integra conhecimentos e reflexão sobre a realidade.

Assim, a relação administrativa é amigável, saudável para se ter uma boa convivência.

Em relação à formação dos professores desta escola, alguns possuem habitação em nível superior completo, outros estão cursando, para assim melhor o ensino, visto que dentro de um ambiente escolar como em qualquer outra instituição, precisa-se de pessoas capacitadas e comprometidas com a realização efetiva e de qualidade nos serviços prestados a comunidade.

O planejamento é realizado pela Secretaria Municipal de Educação, sendo elaborados pelos coordenadores do ensino fundamental, todo início de semestre mediante uma reunião com todos os professores, diretores e coordenadores da escola onde na mesma é repassada a forma de planejar suas aulas em seguida o professor se responsabiliza em fazer um plano mensal, um semanal e por ultimo o plano de aula diário. Feito isto cabe aos mesmos diagnosticar as necessidades dos alunos para assim adequar as atividades a serem desenvolvidas dentro dos conteúdos planejados.

O Projeto Político Pedagógico da escola é embasado na lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), inspirados e ajustados aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), visto como bases fundamentais para a construção de um currículo escolar que envolva o corpo docente, discente, coordenadores e comunidade, cada um dando sua parcela de contribuição na construção da melhoria do ensino, bem como da escola em geral.

As reuniões pedagógicas acontecem mensalmente ou sempre que se fazem necessário, contando com a presença do diretor e dos professores, com a presença do diretor e dos professores, em que na ocasião discutem problemas ocorridos ou que venham a surgir e assim buscar meios, soluções para extingui-lo ou pelo menos amenizá-lo. São planejadas também as atividades a serem desenvolvidas em cada série, bem como suas dificuldades de aprendizagem. E somente assim conjuntamente e através de diálogos encontrarem saídas para o progresso dos educandos.

Falando de avaliação, elas são realizadas mensalmente, respeitando o calendário elaborado pela Secretaria Municipal de Educação, a qual a escola está subordinada, sendo feita bimestralmente uma recuperação para os alunos que não atingiram a meta estabelecida pela escola.

Os alunos são avaliados mensalmente por provas (que possuem em sua estrutura questões abertas e fechadas (quantitativa) e também pela participação, frequência e comportamento (qualitativamente)).

As informações provenientes das investigações serão analisadas e interpretadas de forma qualitativa acerca das narrativas de professores e alunos, para verificação da validade de hipóteses levantadas e estabelecimento de suas relações no espaço escolar.

2.1.2 Sujeitos da pesquisa

Foram sujeitos da Investigação quatro (04) alunos da 3^o série (Fundamental I) e a professora regente da turma. Optamos por dividir em duas duplas, escolhidos dentro os quatros: dois que alcançaram os melhores resultados e dois que obtiveram notas inferiores no decorrer do período até então estudado. Para preservar suas identidades, os mesmos são identificados por letras do alfabeto, a saber, sujeito A, sujeito B, sujeito C, sujeito D e sujeito E.

Os entrevistados são três do sexo feminino e dois do sexo masculino com idade de oito anos a trinta e cinco anos. Apenas uma formada e o restante no início de sua formação.

3 NARRATIVAS DISCENTE E DOCENTE SOBRE A AVALIAÇÃO: DESVENDANDO SENTIDOS E PRÁTICAS

Desvendar os sentidos e práticas atribuídos à avaliação é bisbilhotar histórias de sujeitos avaliadores e avaliados, a fim de se pensar as práticas por quem as realiza e constroem a partir delas significados culturais. Este momento da pesquisa significa debruçar-se sobre as falas dos sujeitos e delas capturar uma possível relação entre o teórico e prático.

Como foi mencionado no capítulo anterior, a fim de garantir o sigilo total dos sujeitos da pesquisa, estes foram identificados por letras do alfabeto, a saber: sujeito A, sujeito B, sujeito C, sujeito D e sujeito E, sendo as narrativas de alunos os sujeitos (A,B,C e D) e as narrativas da professora (E).

A partir da leitura e da reflexão sobre os dados coletados surgem três categorias relevantes para análise do tema discutido que são: a rotina nos dias de prova, a importância do instrumento prova nas avaliações e os novos instrumentos, novas ações. A partir das narrativas apresentadas de forma direta, é que se analisarão os dados à luz do referencial teórico em estudo.

Segue, portanto, a exposição das falas seguida das análises e dos desdobramentos teóricos.

3.1 A rotina nos dias de provas.

Quando questionado sobre como observam os dias de prova teve-se que:

QUADRO 1: Inicialmente buscou-se saber como os sujeitos observam o dia da prova.

Sujeitos	Suas Narrativas
A	Observa o tamanho da prova e se as questões estão difíceis, costumo ler bem antes de responder.
B	Não gosto muito. A tia fica dando dica, exemplos no quadro, só que não é igual à prova.
C	Fico olhando bem as perguntas para lembrar as respostas que eu estudei em casa, olho também o tamanho da prova, se ela está pequena e boa de responder.

D	Muita gente “pescando” com danação, os meninos gritando e a tia falando alto para calar a boca e eles não estão nem ai para a prova.
E	Nada muito diferente, o tempo deveria ser específico para a prova, faz a prova e vai para casa. A falta de silêncio nesse dia prejudica também.

Fonte: Dados da pesquisadora.

Diante das respostas obtidas, percebe-se que a maioria vê o dia de prova como apenas cumprimento de obrigação, não atribuindo a devida importância que ela merece. Nota-se que o sujeito A e C possuem visões parecidas e analisam logo a quantidade de questões e o grau de dificuldade fácil ou difícil de responder.

Na visão do sujeito D é só mais um dia agitado na sala de aula, sem muita diferença. Já o sujeito B não gosta muito desse dia, espera a prova igual aos exercícios estudados em sala de aula.

Já na percepção do sujeito E, vê como rotina apenas, faz parte do processo, mas queria tempo específico para realização das provas.

Notamos que nesse dia há uma falta de interesse por parte dos envolvidos nesse processo, que não veem a avaliação como momento único, de troca de saberes. A esse respeito, Hoffman (2011, p 64) diz que “é preciso assinalar, por exemplo, a importância da adequação das propostas de aprendizagem as possibilidades cognitivas dos estudantes”.

Isso que dizer que para despertar o interesse dos educandos nesse momento se faz necessário uma adequada ligação dos conteúdos estudados com sua vida cotidiana, abrindo possibilidades de interação com o meio, respeitando os saberes prévios de um para que façam uso do que foi assimilado.

Quanto ao que sentem os alunos no dia de prova, obteve-se que:

QUADRO 2: Quando questionados sobre como se sentem no dia da prova.

Sujeito	Suas Narrativas
A	Fico um pouco nervosa, então fico sentado sozinho na cadeira pensando na hora da professora entrega a prova para eu ver se ela colocou as mesmas questões que eu estudei. É uma emoção.

-
- B** Fico nervoso, com medo de tirar nota baixa e não passar de ano. Quero ver logo a prova para ver se está boa de responder.
- C** Fico nervosa, porque penso que às vezes pode ser muito difícil e não conseguir me lembrar das respostas. Eu fico também ansiosa, pedindo que chegue logo para eu ver se vai “cair” na prova o que eu estudei.
- D** Sinto medo de tirar nota baixa e depois, não passar de ano, por isso fico nervosa e até fico roendo as unhas esperando pela prova.
- E** A mesma coisa dos outros dias: empolgação. É a semana em que tudo o que fora ensinado se põe na prova.
-

Fonte: Dados da pesquisadora.

É consenso saber que o sentimento aflorado nesse dia e o nervosismo, devido ao esperado momento, e, junto, vem a ansiedade para saber se o que estudaram vai ser cobrado na prova.

Os sujeitos B e C acrescentam ainda a temida nota vermelha, pois o que realmente almejam é passar de ano.

Quanto ao sujeito E, sente entusiasmo para cobrar tudo o que foi ensinado no decorrer do semestre. O que se pode perceber nas respostas dadas é que a prática da ação avaliativa propicia medo e ansiedade, concebida como um ato considerado penoso de julgamento de resultados que trazem consequências drásticas aos alunos.

Segundo Luckesi (2005, p.172), “a avaliação é um ato amoroso de acolhimento”. Ela não deve despertar nos educandos sentimentos de ansiedades, nem tampouco de medo, ao contrario deve ser vista e usada como meio de se construir conhecimentos.

Numa visão tradicionalista da avaliação, segue-se um ritual escolar na hora da prova, feita apenas como atividade exigida cumprindo uma obrigação institucional, esquece que ela exige dedicação e planejamento para que se atinja a aprendizagem.

Quanto à rotina de realização das avaliações durante a semana de prova, constatou-se que:

QUADRO 3: Ao solicitar sobre sua rotina, o que fazem na semana da prova.

Sujeito	Suas Narrativas
A	Estudo mais de noite e de manhã, durmo cedo para acordar cedo para estudar. Minha mãe estuda comigo, faz uma revisão para eu responder e depois ela corrige.
B	Acordo cedo e estudo até perto de ir para a escola, e não brinco nesses dia, só estudo, durmo cedo e não assisto televisão.
C	Estudo bastante. Depois que eu termino posso assistir televisão e brincar com meu irmão pequeno.
D	No dia da prova minha mãe me coloca para estudar, mas só posso brincar quando termino e durmo cedo.
E	Ansiosa e nervosa. Chego cedo para me organizar.

Fonte: Dados da pesquisadora.

Nas respostas, observa-se que todos os alunos seguem uma rotina diária igual. Dormem cedo, estudam mais e só podem brincar e assistir à televisão depois de estudar.

Difere somente o sujeito B, que somente estuda, não é permitido nesse dia brincar e assistir televisão.

Nota-se ainda que nesse dia os pais cobram mais, com o intuito dos filhos tirarem notas altas.

Conforme a análise das respostas dos sujeitos, percebe-se que a avaliação é vista como instrumento que mede a aprendizagem do aluno. Dessa forma, ela se resume a constatação do desempenho dos mesmos. Assim, no dia da prova, se dedicam mais, e até mudam a rotina. Consideramos desnecessária essa mudança de rotina, sendo que estudar é um compromisso diário e não somente no dia do teste. E acrescentamos ainda que no cotidiano escolar a presença da avaliação deve ser permanente devendo ela favorecer a formação do educando de forma integral.

Assim, Cordeiro (2010, p.156) fala que:

Costuma interessar aos pais não exatamente saber que conhecimentos de fato os seus filhos estão conseguindo adquirir, mas como eles se situam comparativamente aos seus colegas de escola e aos outros jovens da mesma idade no restante do país.

Sendo assim, sua rotina de estudar deve ser dobrada para se sobressair diante dos colegas, isso se chama competição, é não aquisição de conhecimento.

No tocante ao que sentem quando recebem as notas das provas, fora relata as seguintes sensações:

QUADRO 4: Questionados sobre como se sentem quando recebem as notas da prova.

Sujeito	Suas Narrativas
A	Alegre, quando a nota é boa, porque se eu passar de ano meu pai vai me dar um celular, por isso mim esforço para tirar só notas boas.
B	Às vezes alegria, às vezes tristezas, porque se se as notas não for boa eu “apanho” dos meus pais e fico de castigo sem assistir televisão.
C	Eu sempre recebo notas boas, por isso fico feliz e meus pais também. Eles me elogiam, falando que é bom, para eu continuar assim.
D	Fico feliz, quando não tiro uma nota boa tenho medo de mostrar para meus pais, porque eles ficam brigando e me deixa sem brincar.
E	Em alguns instantes sinto orgulho, em outros frustrações, por aqueles que não alcançaram êxito.

Fonte: Dados da pesquisadora.

Percebe-se que nesse momento de entrega e recebimento de notas, gera sentimentos opostos, tanto de alegria quanto de tristeza, orgulho e frustração.

Ficam alegres por receber uma nota aprovativa e receber assim recompensa dos pais. Do contrário, ao tirarem notas baixas, ficam apreensivos, com medo do castigo dos pais. Alguns usam até da violência como meio de punir seus filhos.

Mas acontece que as avaliações que visam somente mensurar, medir o desempenho, não estão preocupadas com a aprendizagem do educando.

Sendo, pois, ela um processo contínuo, nesse momento de entrega, recebimento de prova deve ser discutido, dialogando em sala de aula, analisando conjuntamente de maneira a buscar a não repetição dos erros.

Questionamos nossos atos e de que maneiras podem modificá-los. Punição não resolve sem antes conversar sobre o verdadeiro sentido da educação do saber.

Há diversas maneiras de se tentar modificar essa maneira de uso da avaliação como forma prática de controle. Uma delas é usá-la em favor da aprendizagem.

Nota-se também que as sensações sentidas pelo sujeito E, são de muita frustração, quando o que se espera não foi alcançado. Isso muitas vezes ocorre por falta de maior cumplicidade entre educador e educando.

Segundo Hoffman (2209, p. 67), “a confiança mútua entre educador e educando quando as possibilidades de reorganização conjunta do saber pode transformar o ato avaliativo em momentos prazerosos de descobertas e troca de conhecimento”.

No entanto, o momento do seu recebimento só gera mais medo de não ter alcançado uma boa nota. Se a avaliação continuar servindo apenas como obtenção de notas não servirá para a construção de conhecimentos. Nas palavras de Sant’Ana (2011, p. 27), “a avaliação só será eficiente e eficaz se ocorrer de forma interativa entre professor e aluno, ambos caminhando na mesma direção em busca dos mesmos objetivos”. Este não deve ser, em hipótese alguma, momento para punições.

3.2 Importância das provas nas avaliações.

Sobre a relevância das atividades que valem nota, obteve-se que:

QUADRO 5: Questionados sobre quando uma atividade vale nota se a considera mais importante

Sujeito	Suas Narrativas
A	Acho mais importante. As outras são só porque a tia diz para fazer mesmo; nada de ponto. Eu gosto é quando ganho ponto.
B	Acho que sim. Porque quando não vale nota é mais fácil de fazer.
C	Acho mais importante. Porque as atividades que não vale nota agente não ganha nada e, as que ganha fico mais feliz, ganhar alguma coisa.
D	Sim, é mais importante, me interesse mais para fazer, mas

acho que as outras também são importantes porque pode cair na prova.

E Não. Toda atividade desenvolvida em sala é importante, seja ela avaliativa ou não.

Fonte: Dados da pesquisadora.

Os sujeitos A, B e C as consideram as atividades que valem nota mais importante, pois ela ajuda a somar com a nota da prova. Os sujeitos D e E acham todas as atividades realizadas importantes, sendo avaliativa ou não.

Diante dessas respostas, fica claro que para a maioria dos sujeitos pesquisados, o que realmente importa é acumular ponto. Percebe-se que visam apenas obter uma boa nota. Quando não vale “nada” é mais fácil de resolver.

Quando não se limita a produzir notas para fins de aprovação/reprovação, a avaliação constitui sempre como um importante processo de observação contínua dos avanços dos educandos.

A respeito da observação Haydt (2006, p. 297) diz que: “a observação é uma das técnicas de que o professor dispõe para melhor conhecer seus alunos, identificando suas dificuldades e avaliando seu avanço nas várias atividades realizadas e seu progresso na aprendizagem”.

No que diz respeito ao recebimento de notas boas ou ruins os sujeitos responderam que:

QUADRO 6: Em relação ao que sentem quando recebe uma nota boa ou ruim.

Sujeito	Suas Narrativas
A	Não gosto de tirar nota baixa, porque desanima minha mãe. Quando eu tiro nota boa ela me dá moedas para eu comprar pipoca e a gente fica feliz.
B	Sinto alegria, meu pai sai comigo se a nota é baixa fico de castigo, estudando mais e, não posso sair para brincar nem assistir televisão.
C	Fico feliz porque sei que meus pais também vão ficar. E nota baixa só tirei uma vez, fiquei decepcionada e depois, me esforcei para tirar outra melhor e passar nas outras provas.
D	Quando recebo uma nota baixa fico triste e, com medo de

não passar de ano e minha mãe brigar. Quando a nota é boa fico feliz e penso que vou passar de ano e só assim não vou ter que ficar na mesma turma, se a nota é baixa me esforço mais para recuperar no outro mês.

E Orgulho e frustrações por ter alcançado meus objetivos vontade de desistir respectivamente.

Fonte: Dados da pesquisadora.

Percebe-se que o sentimento de felicidade irradia quando se recebe uma nota aprovada. O sujeito A afirma que ao tirar nota boa é compensada e a família fica feliz. O sujeito B fala que nesse momento recebe mais atenção do pai que sai com ele para passear, só que quando ele não tira nota boa recebo castigo e fico triste. Já os sujeitos C e D ficam felizes por proporcionar também felicidade aos seus pais. Mas quando a nota é baixa, se esforçam para melhorar e recuperar no mês seguinte.

Nota-se uma grande preocupação nos resultados, despertando neles medo de não passar de ano, de ficar na mesma turma, dos pais brigarem, ficarem de castigo, enfim, a nota boa os livra de muita coisa.

Nesse sentido, a nota obtida acaba por contribuir diretamente por sua ascensão de uma série para outra. Assim, a avaliação, nesse sentido, é vista somente como forma de obter boas notas para se evitar problemas familiares.

O sujeito E fala de frustração e orgulho, mas será que não está se faltando um pouco mais de empenho, colocar mais significado no seu trabalho educativo.

Cordeiro (2010, p.148) nos fala que “[...] Os modos como se efetivam a avaliação e os instrumentos escolhidos dependem do tipo de concepção pedagógica que se assumem”. Assim, (re) vejamos o nosso sempre pensando em que tipo de ser queremos formar.

Acredito que a avaliação pode oferecer muito maior que mensuração de conceitos, ela oferece subsídios importantes para entendermos sua verdadeira meta, a aprendizagem.

Quando questionado sobre a importância da prova obteve-se que:

QUADRO 7: Quando questionados sobre se considera importante fazer provas.

Sujeito	Suas Narrativas
A	Sim. Porque com ela posso passar de ano e quero ser alguém na vida.
B	Sim. Porque com a prova agente aprende mais com ela tiramos nota para passar direto, não repetir o ano.
C	Acho sim. Porque quando agente termina de fazer todas as provas passamos de ano. Com a prova agente aprende muito mais a melhorar nos estudos.
D	Sim. Ela é importante para os nossos estudos para depois agente se formar e ser alguém na vida.
E	Sim e não toda atividade em sala de aula ou fora dela deve ser observada, avaliada, pois o desenvolvimento do aluno está condicionado a isso também.

Fonte: Dados da pesquisadora.

Diante das respostas, observamos que todos consideram fazer prova importante, pois através da mesma pode-se passar de ano e ter uma profissão futura.

O sujeito E teve dupla opinião sobre fazer prova e haver não somente a prova como importante para o crescimento do educando, mas também todas as atividades realizadas dentro e fora do ambiente escolar.

Contudo, Hoffman (2011, p. 61) fala que “a finalidade da avaliação passa a ser a de desafiar o aluno sobre as noções estudadas e situações vividas a formular e reformular seus próprios conceitos”.

Assim, entre uma tarefa realizada em sala de aula e outra fora dela devemos oportunizar-lhe a expressar e compartilhar saberes, que são assimilados no seu cotidiano, a fim de que possa enriquecer ainda mais seu repertório de leitura de mundo.

No que diz respeito à hipótese de não haver provas na escola os sujeitos responderam que:

QUADRO 8: Ao serem indagados sobre a ideia de não haver prova na escola.

Sujeito	Suas Narrativas
A	Acharia ruim. Porque as provas que fazemos são mais fáceis de resolver do que outros trabalhos e deixa agente mais esperto, consciente.
B	Acharia ruim. Porque com a prova escrita agente aprende mais, tiramos nota para passar de ano.
C	Acharia bom, pelo menos não ficaria estudando direto, mas penso se não houvesse prova eu não poderia aprender uma profissão, não aprendia a fazer nada sem dever de casa seria pior.
D	Acho ruim, sem ela como nos íamos aprender, mas eu aprendo também muito desenhando, eu gosto muito.
E	Sem prova, sem compromisso, ou se deixa claro para o aluno que ele vai ser avaliado por toda atividade desenvolvida.

Fonte: Dados da pesquisadora.

Diante das respostas, percebemos que os sujeitos A, B e D achariam ruim se não houvesse prova, vendo a mesma como meio mais fácil de passar de ano, de resolver e que sem ela afirmam que não poderia ter uma profissão.

Já o sujeito C acharia bom se não houvesse prova, pois com a mesma vive momentos de angústias, por ter que estudar o dia todo. Mas também afirma que sem ela não poderia ter uma profissão.

Quanto ao sujeito E, afirma que sem prova não haveria preocupação em estudar. Fala ainda que se deve deixar bem claro da importância da avaliação, seja ela prova ou qualquer outra atividade.

Notamos, então, que a prova é importante para a maioria dos sujeitos, que ela é um instrumento avaliativo constantemente usado e visto como meio de se alcançar ascensão profissional.

Contudo, acreditamos que se extinguisse o uso da prova seria medida bastante radical, já que os educandos têm em sua cultura o hábito de fazer prova.

Mas também podemos pensar na visão de Hoffman (2009, p.72) que fala:

Aboliram a prática de realização de provas pelas crianças dos dias marcados, realizando ao invés disso várias tarefas menores e sucessivas para serem analisadas pelo professor, sem a preparação de atribuir notas ou conceitos a essas tarefas, mas analisando o desenvolvimento dos alunos ao longo do processo.

Avaliar assim seu rendimento diário, sem pressão ou provar ou incorporam o que aprenderam.

É importante ainda salientar que como falou o sujeito E, a avaliação deve ser vista como compromisso, deixando sempre claro que de qualquer maneira avaliamos e somos avaliados, um importante é a transformação que ela causa em nós.

3.3 Novos instrumentos e novas ações

Quando questionados sobre como desejariam ser avaliados, obteve-se que:

QUADRO 9: Quando questionados sobre como gostaria de ser avaliado.

Sujeito	Suas Narrativas
A	Pela prova mesmo, porque é mais fácil de ganhar boa nota, as outras são mais difíceis para se tirar.
B	Por uma dança, é muito bom ir para o ensaio e depois apresentar, igual no dia da quadrilha.
C	Por prova mesmo. Aprendo muitas coisas legais com ela.
D	Pela prova. Ah porque agente já estamos acostumado quando muda eu acho mais difícil.
E	Atividade avaliativa em equipe e individual.

Fonte: Dados da pesquisadora.

Notamos que os sujeitos A, C e D compartilham da mesma opinião, gostam de fazer prova. Para eles, com a prova é mais fácil tirar nota boa. Quando muda de instrumento considera difícil de sair bem.

O sujeito B prefere ser avaliado por uma atividade recreativa como dança ou desenho.

É sabido de todos que quando mais diversificados forem seus meios avaliativos, conseqüentemente melhor será sua aprendizagem.

Nessa perspectiva, a escolha de instrumento avaliativo coerentes com o grau de conhecimento dos educandos se torna um importante aliado na concessão de saber.

A esse respeito, Haydt (2006, p. 144) diz que:

Os procedimentos de ensino devem, portanto, contribuir para que o aluno mobilize seus esquemas operatórios de pensamentos e participe ativamente das experiências de aprendizagem, observando, lendo, escrevendo, experimentando, propondo hipóteses, solucionando problemas, comparando, classificando, ordenando, analisando, sintetizando, etc.

E é a partir da tomada de decisão acerca do que se deseja alcançar, que devemos selecionar o método, caminho certo para se alcançar o objetivo previsto.

Na apropriação dos conhecimentos não é suficiente sabermos se os estudantes dominam ou não determinado conhecimento. É necessário entender o que sabem e o que usaram para chegar ao saber.

Assim, a avaliação serve para repensar nossas práticas, que dimensões os nossos saberes estão alcançando. Essa mudança de postura é o que diferencia dos professores, que só olham o produto da aprendizagem.

No que concerne à utilização de outros instrumentos avaliativos, obteve-se que:

QUADRO 10: Indagados sobre se já tinha sido avaliados com outros instrumentos avaliativos.

Sujeito	Suas Narrativas
A	Já por uma pesquisa e, eu achei difícil, pois tinha que ler em outro livro sem ser o nosso. Mas foi bom aprendi também.
B	Já, pela dança e por uma pesquisa sobre o índio, foi muito bom, é menos coisa para estudar.
C	Já, poucas vezes, por trabalho em grupos, pesquisas sobre os índios, escrevemos em uma cartolina e logo depois colamos na parede. É muito bom esses trabalhos agente fica mais esperto do que os outros.
D	Já, mas foi pouco. Pela quadrilha, ai eu tirei nota melhor do

que na prova.

E Sempre que posso, utilizo seminários, trabalhos em grupos.

Fonte: Dados da Pesquisadora.

Observa-se, mediante as respostas acima, que todos os sujeitos já foram avaliados por métodos diferentes, só que não com frequência.

O sujeito A nos fala que quando se usa outro instrumento que não seja a prova considera mais difícil.

Já o sujeito B disse que é prazeroso aprender com outros meios, diminui até a quantidade de conteúdo para se estudar.

O sujeito C fala que atividade diferente o torna mais esperto. E o sujeito D diz que ajuda a tirar nota boa.

Sobre o sujeito E, faz uso de instrumento diferenciado sempre que possível.

Notamos que os instrumentos diversificados na visão dos sujeitos assumem perspectivas diferenciadas. Enquanto uns a consideram um meio de obter nota boa, ficar esperto, menos trabalhoso para estudar. Outro o vê como sendo difícil devido estar habituado em fazer provas.

Como não são avaliados frequentemente por instrumentos diferenciados, surge assim o receio e até a repulsão, medo de tirar nota baixa. Contudo, ao utilizarmos meios novos, constantemente ajuda a habituá-los e a se preparar melhor para futuro meio acadêmico.

Assim, ao avaliarmos os educandos através de meios variados, só vem a contribuir para a superação de seus anseios ruim, acerca da mudança de meios avaliativos.

É fundamental construir instrumentos de avaliação que permite ao aluno evidenciar o que pensa sobre o que está sendo aprendido.

Sobre os instrumentos de avaliação Esteban (2008, p. 126) reforça que: “Comprendermos que não existe instrumento de avaliação perfeito, como muitos querem fazer crer, mas acreditamos que eles sejam mais eficaz e próximo do saber real dos alunos e alunas”.

Isso quer dizer que o instrumento escolhido deve estar ligado à construção de saberes específicos, condizentes com suas capacidades e habilidades de educando.

Nesse sentido, a avaliação é também facilitadora de visualização, de alternativas para acompanhamento do desenvolvimento integral do aluno e a prática pedagógica.

Quando indagado sobre a reação da família diante das notas e da procura à escola por motivos de notas obteve-se que:

QUADRO 11: E quando pergunta sobre como a família reagia com suas notas, e se os mesmos procuravam a escola.

Sujeito	Suas Narrativas
A	Notas baixas, eles reclamam comigo e dizem que é porque não estudo o bastante, já quando tiro notas boas, eles ficam alegres e até me deixam mais “folgado”. Eles não procuram a escola só quando tiro notas baixas.
B	Ficam ansiosos para ver as notas e todo dia ficam perguntando que dia vão entregar. Eles não costumem procurar a escola, quando vem falar com a tia é para saber se eu ainda estou conversando muito.
C	Quando eu tiro notas boas eles ficam felizes. E mesmos quando eu tiro notas baixas eles não procuram a escola, dizem apenas para eu estudar mais.
D	Quando eu tiro notas boas, reagem bem e quando não ficam irritados e brigam comigo. E às vezes procura a escola para falar com a tia para ver se eu melhora nas notas.
E	Reagem normais. A maioria dos alunos não tem acompanhamento familiar. Só procuram as vezes para saber do comportamento dos filhos.

Fonte: Dados da Pesquisadora.

Observamos através das respostas que os sujeitos A, B, C, D que seus pais reagem com satisfação quando os mesmos detêm boas notas. Mas do contrário, eles recebem castigo como: “brigar”, ficar sem assistir televisão e sem poder sair para brincar com os colegas. Já o sujeito E enfatiza que a maioria dos alunos não apresenta acompanhamento familiar.

E quanto à pergunta se os pais procuram a escola nesse dia, todos responderam que não, só vão à escola para saber do comportamento dos filhos. Apenas reclamam em casa pedindo que os filhos se esforcem mais para tirar boas notas.

Notamos que a reação de alegria é somente pela obtenção de notas aprovativas, não questionando ao aluno ou ao professor se realmente houve aprendizagem. Significa dizer se está reforçando a cultura de notas como meio de aprovação ou reprovação, deixando de lado o saber a ser adquirido.

Se a família garante a frequência escolar da criança, se os incentiva a participar ativamente das atividades escolares, não tem como não alcançar bons resultados. O engajamento do estudante ao processo educativo faz toda a diferença.

Assim, acompanhar o desenvolvimento do educando é dever de todos os envolvidos no processo família, escola, sociedade e até o próprio aluno deve estar atento aos seus avanços. Se autoavaliando, refletindo dessa forma sobre os próprios conhecimentos, suas estratégias de aprendizagem de modo que possam redefinir os modos de estudar e de se apropriar do saber.

E quanto à família, Hoffman (2009, p. 87) nos fala “em relação às famílias, as escolas que vem buscando transformações, precisam envolvê-las nesse processo: jogo aberto, exemplos concretos, discussões pedagógicas, seminários com especialistas”. Compreender que todos devem participar desse processo educativo.

No que diz respeito às relações entre o que é ensinado e o que é cobrado nas avaliações, obteve-se que:

QUADRO 12: Ao realizarmos a pergunta desse processo educativo sobre se tudo o que é ensinado é cobrado, aprendido nas provas.

Sujeito	Suas Narrativas
A	Acho que sim, porque ela sempre coloca na prova o que explicou ai eu aprendo de novo.
B	Se tiver a pergunta que eu estudei em casa, eu respondo a prova todinha. Se não tiver eu acho mais difícil, ai eu leio ate entender, porque eu sei que eu já estudei em algum momento.
C	Acho que sim, porque a tia repete varias vezes. No dia das provas ela coloca livros para responder sobre o assunto e, as

	páginas podem ser repetidas na prova. É a prova que sou melhor é religião, sempre tiro dez. Isto é muito bom. Todos me acham muito esperta e até me fazem perguntas. Ajudo minha mãe na hora que ela tem alguma duvida de escrever.
D	Não, falta aprender mais, a tia no dia da prova coloca continhas só para marcar um X, não e igual no dever para procurar o resultado.
E	Sim. Mas nem todos os alunos no dia da prova conseguem responder.

Fonte: Dados da Pesquisadora.

Percebe-se que através dessas respostas que os sujeitos A, B e E, concordam que tudo o que é ensinado é aprendido. Mas se não estiver igual às atividades realizadas em sala de aula considera mais difícil de responder. O sujeito C fala ainda do uso do livro como meio de revisar, antes de fazer a prova e da constante repetição do conteúdo pelo professor.

Já o sujeito D fala que nem tudo que é ensinado é realmente assimilado, visto que para ele no dia da prova a professora costuma mudar, modificar a forma como as questões são elaboradas, dificultando assim sua compreensão.

O sujeito D relata que nem tudo que é repassado conseguem atingir o esperado.

Podemos dizer que os sujeitos em sua maioria valorizam ainda a memorização de conteúdos, onde tudo o que é exposto deve ser colocado igualmente na prova.

Essa visão tradicional contribui para o atraso na aquisição de conhecimento, e somente reforça a criação de classificação dos indivíduos.

Como forma de superar tal concepção, visando uma escola democrática, devemos nos inspirar nas palavras de Cordeiro (2010, p. 145) que nos fala:

Na escola democrática, a avaliação precisa ser compreendida como parte indispensável do processo ensino-aprendizagem e como mecanismo essencial que permite tanto aos professores quanto aos alunos reorientar as suas ações de maneira a garantir a aprendizagem para os alunos.

Sendo assim, os professores necessitam estar atentos ao verdadeiro sentido do aprender, oportunizando aos seus alunos momentos diversificados na circulação do conhecimento para não se surpreender no futuro.

A seguir, destacaremos uma décima terceira indagação que foi realizada somente com o sujeito E, sobre a relação entre o ensinado e cobrado nas avaliações obteve-se que:

QUADRO 13: Ao realizarmos a pergunta desse processo educativo sobre se tudo o que é ensinado é cobrado, aprendido nas provas.

Sujeito	Suas Narrativas
E	Pelo que fora exposto em sala de aula.

Fonte: Dados da Pesquisadora.

O sujeito E fala que escolhe o conteúdo da prova mediante o que foi exposto em sala de aula.

Verificar se eles aprenderam o que foi ensinado e decidir se é preciso retomar conteúdos é tarefa essencial que o professor pode está realizando, pois ao selecionar os conteúdos deve-se levar em consideração a serem cobrados na prova os conhecimentos prévios acerca dos conteúdos.

Precisamos garantir a coerência entre o que ensinamos e o que avaliamos. A clareza permitira sermos justos e eficientes como avaliadores.

Para ajudar os professores nessa tomada de consciência de seu dever precisamos estar abertos aos diálogos, promover situações que favoreça a troca de ideias na busca de uma aprendizagem mais significativa.

Assim, ao final dessa análise pode-se perceber que os sujeitos pesquisados veem a avaliação como mero cumprimento de regimento escolar, servindo como meio de avançar de uma série para outra.

Nota-se ainda que as práticas habituais de sala de aula transformam o momento da avaliação em um ritual, em que alunos são colocados enfileirados e o processo como mero observador. Na maioria das vezes os resultados da aprendizagem são verificados como por meio da aplicação de uma mesma prova escrita a que todos devem responder individualmente.

Quando se muda os instrumentos de avaliação o que se veem é uma resistência por parte dos alunos e uma frustração da professora porque os mesmos não conseguem alcançar o esperado.

Na correção das provas ou de outros trabalhos continuam a utilizar a classificação e o uso de pontos para comparação de melhor ou pior.

As provas reinam no ambiente escolar, sendo um dos instrumentos mais usados como forma de verificar a aprendizagem.

Em relação à família, não há acompanhamento, e somente busca a escola no intuito de obter informações sobre o comportamento dos seus filhos. E quanto às avaliações enxergam as notas boas como certificação de resultados, deixando de conhecer o que realmente o aluno consegue aprender.

Já os conteúdos na sua maioria são descontextualizados dificultando a assimilação por parte dos educandos.

Enfim, essa forma de avaliar se distancia em muito das que priorizam a aprendizagem dos envolvidos no processo.

Se mudarmos nossa maneira de enxergá-la consequentemente mudaremos a forma de atuar na sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a pesquisa realizada, em que se buscou apresentar problematizações e constatações acerca da avaliação no processo ensino-aprendizagem, constatou-se que ela é vista como um processo, que apesar das contradições que permeia o meio escolar visa novos rumos ao sistema avaliativo como: análise e interpretação dos benefícios trazidos aos educandos, atendendo seus interesses, necessidades e principais dificuldades e oferece ao educador subsídios necessário para uma reflexão constante de sua prática voltada para a eficiência do processo ensino-aprendizagem.

Constatou-se primeiro por meio das entrevistas que a forma de avaliação adotada na escola-alvo da pesquisa pelo professor ainda é a quantitativa, a tradicional prova escrita, pois considera a avaliação como fim do processo, visto que esta prática ocorre em momentos pontuais e ritualizados, com o mero objetivo de quantificar acertos materializados.

Percebe-se ainda que os alunos consideram a prova como o melhor meio para se passar de ano, vendo-a como de fácil resolução e garantia de aprendizagem.

Notou-se também que a família compartilha da mesma opinião dos alunos, vendo a prova escrita como o melhor instrumento para certificação dos resultados. E que os mesmos não fazem o acompanhamento necessário para a progressão dos filhos na aprendizagem, interessando-se apenas em saber sobre seu comportamento.

O professor, por sua vez, apresenta em seu discurso uma avaliação qualitativa, estes entram em contradição ao terem contato com sua prática, pois o mesmo não tem clareza sobre o conceito de avaliação, confundindo avaliar com classificar, onde são trabalhados valores em forma de notas ou conceitos, porém, os professores devem ter o compromisso de ir além do senso comum e não misturar o ato de avaliar com medir, visto que a avaliação é uma atividade contínua e orientadora para mudanças e reformulação de conceitos.

O que se pode perceber em relação à avaliação no processo ensino-aprendizagem é que ela não tem cumprido a sua verdadeira função: a de auxiliar o processo ensino-aprendizagem.

São muitas as dificuldades que a escola enfrenta na implantação de novas formas de avaliar, a começar pelo currículo que nos obriga a seguir. Observa-se também a resistência por parte dos alunos que tem em sua cultura enraizada, a cultura de fazer provas.

Contudo, numa perspectiva de mudanças, almejamos uma avaliação sem rotulações ou atribuições de notas sem sentido para o aluno, mas que ela possa servir de alerta quanto às atitudes e aprendizagens a serem incorporadas.

A avaliação exige domínio de saber e envolve algo além de classificações, ela denota um julgamento de valor para uma tomada de decisão. Por isso, o educador precisa estar ciente da imensidade da sua responsabilidade e dos desafios a serem assumidos diante do seu comportamento ético para com os alunos e para a sociedade em que vive, na certeza de que, apesar do inesperado das diversas circunstâncias sempre vale apenas educar.

Dessa forma, o olhar do professor precisa acompanhar o educando em toda a sua trajetória fazendo provocações para que assim o mesmo possa atingir o saber esperado. O aluno deve refletir e agir sobre o seu meio, de forma a transformá-lo e compreendê-lo, onde o mesmo possa estar envolvido em pensamentos e sentimentos.

O uso da avaliação tradicional só reforça as hierarquias e não consegue atingir os objetivos principais na hora de avaliar. Mas não é somente a escola que deve cobrar do aluno um retorno do que foi repassado em sala de aula. Diante do insucesso dos alunos a família passa a cobrar também. Ela questiona a escola por ser ela a responsável pelo ensino e a escola por sua vez questiona a família pelo fato de que se alguns não conseguem aprender, o problema dos malsucedidos.

Aqui não buscamos apontar a culpa dos professores, mas identificar que a avaliação está circunscrita numa perspectiva cultural, sendo assim uma prática que pode ser reinventada.

Podemos assim dizer que estimular o aluno, é fazer com que ele sinta e faça parte desse processo de aquisição do conhecimento, entendendo a família e a escola como instrumentos primordiais na vida do educando estas devem incentivá-los na busca da aprendizagem.

Portanto, precisamos romper esse processo tradicional de verificação de conteúdos, reduzindo a ideia do aluno como depósito de conhecimento, para a partir daí entendê-los como seres possíveis de tomar decisões. É preciso rever nossas

práticas, e nos envolver por completo de modo onde o centro do processo seja a aprendizagem do aluno.

Contudo, não basta identificar problemas, é necessário que se perceba as causas desses fracassos, e para isso se faz necessária uma avaliação contínua, através de observações e acompanhamentos diários de seus avanços educativos.

Romper com tradicionalismo enraizado nas escolas de respostas prontas é uma alternativa para o melhoramento da finalidade da avaliação.

O ser humano é inacabado e aprende sempre. Portanto, a práxis ação-reflexão deve acompanhar constantemente o processo evolutivo onde educador-educando possam traçar conhecimentos, visto que, ao ensinar, aprendemos algo e vice-versa.

No decorrer desse processo a autoavaliação é essencial, visto que permite tanto ao professor quanto ao aluno rever seus ganhos e perdas e buscar melhoria do ensino-aprendizagem, graças a ela os alunos adquirem uma capacidade cada vez maior de analisar suas próprias atitudes.

É necessário e urgente entender que avaliar é muito mais que aplicar provas, testes ou conceitos, mas um instrumento auxiliar de um processo de conquista do conhecimento.

A junção de valores qualitativos com quantitativos só enriquece a aprendizagem, a nota não deve ser considerada a mais importante, mas o aprendizado é o que realmente conta.

Para que a avaliação tenha êxito é necessário que o professor enquanto orientador do saber propicie condições favoráveis à aprendizagem do aluno, que os mesmos se sintam desafiados a buscar soluções as questões problemas.

Para a realização de uma avaliação conscientizadora, mediadora, que não vise apenas aprovar ou reprovar o educando, devemos repensar a qualidade da prática pedagógica e, sobretudo, uma mudança de postura frente à avaliação e aos paradigmas de ensino, rumo à evolução e dinamização do ato avaliativo, despertando em todos os envolvidos nesse processo um olhar reflexivo e humanizador sobre a avaliação.

Assim, evidencia-se com esta pesquisa a relevância da avaliação no processo ensino-aprendizagem pelas implicações que ela pode ter na nossa formação como futuros educadores em busca de fazer desse ato de avaliar não um julgamento vazio onde distingue somente o certo e o errado, mas sim entendê-la como um ato

amoroso no sentido de que a avaliação por si só é um ato acolhedor, integrativo e incluso, que tem por base levar em consideração uma situação para depois aplicar as mudanças necessárias. Ela pode ser muito mais humana.

E quanto ao aluno usá-la em benefício de sua própria aprendizagem através de uma constante autoanálise de sua melhoria, buscando sempre superar seus medos e vê-la como aliada do processo gradativo de construção de saberes.

Enfim, com a participação da família, dos professores, dos alunos e demais interessados nesse processo educativo, somos capazes de reverter essa problemática, mobilizando no aluno o gosto pelos estudos, conscientizando os mesmo para se tornarem conhecedores dos seus direitos e deveres na sua vida como cidadão. Todos nós devemos tentar amenizar os empecilhos, somos responsáveis por essa transformação. Como já foi mencionado, sempre vale a pena educar.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda: **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. São Paulo: Moderna, 2006.

BOTH, Ivo José. **Avaliação planejada, aprendizagem consentida: é ensinando que se avalia, é avaliando que se ensina**. Curitiba: Ibpex, 2011.

BRASIL. **Lei de Diretrizes da Educação Nacional**, nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Deporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental: MEC/SEF, 1997. .

CORDEIRO, Jaime. **Didática**. São Paulo: Contexto, 2010.

ESTEBAN Maria Teresa. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ESTEBAN, Maria Teres (org.). **Escola Currículo e avaliação**. São Paulo: Cortez, 2008.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira; Freitas Luiz Carlos. **Indagações Sobre Currículo: currículo e avaliação**. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas 2010.

HAXDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática Geral**. São Paulo: Ática, 2006.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

HOFFMANN, Jussara. **Pontos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

LIBANÊO, José. Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Carlos Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo. Cortez, 2005.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudo e proposição**. São Paulo: Cortez, 2005.

RABELO, Edmar Henrique. **Avaliação: novos tempos, novas políticas**. São Paulo: atlas, 2010.

ROMANELLI, Otaize de Oliveira: **História da educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis: Vozes Ltda, 2005.

SANT'ANA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar?:** Critérios e instrumentos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SANTOS, Clóvis Roberto dos. **Direito a educação: a LDB de A a Z**, São Paulo: avercamp, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científica**. São Paulo: Cortez, 2007.

APÊNDICES